

EMERGÊNCIA CLIMÁTICA E POLÍTICAS PÚBLICAS: Mapeando a Percepção da Cidadania no Plano Local



Observatório
Interdisciplinar
das Mudanças
Climáticas



iCS
Instituto
CLIMA e SOCIEDADE

opel

Observatório
Político e Eleitoral

RELATÓRIO
DE PESQUISA

APRESENTAÇÃO	04
RECONHECIMENTO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS	06
PERPLEXIDADE, PESSIMISMO E INAÇÃO: COMO AGIR?	14
VALORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E DAS POLÍTICAS EDUCATIVAS	24
AÇÃO POLÍTICA E PAPEL DO GOVERNO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
ANEXO: METODOLOGIA E PERFIL DA AMOSTRA	40

EMERGÊNCIA CLIMÁTICA E POLÍTICAS PÚBLICAS:

Autoria

Observatório Interdisciplinar sobre as Mudanças Climáticas (UERJ) e
Observatório Político e Eleitoral (UFRJ-UFRRJ)

Coordenação

Carlos R. S. Milani, Josué Medeiros e Mariana Castro

Secretaria Executiva

Rennan Pimentel

Iniciação Científica

Júlia Nascimento Santos, Sérgio Mecena Neto

Projeto Gráfico

Cesar Habert Paciornik • HPDesign

Foto Capa

Ricardo Stuckert

Apoio
Instituto Clima e Sociedade

www.obsinterclima.eco.br
www.opelbrasil.com



O Brasil está enfrentando um aumento significativo dos eventos climáticos extremos, em envergadura, intensidade e frequência. Em 2024, além da devastação no Rio Grande do Sul, com chuvas entre o final de abril e meados de maio que afetaram mais de 875 mil pessoas, também assistimos a desastres socionaturais em diversos municípios do Rio de Janeiro, onde 100 mil pessoas foram atingidas por enchentes no mês de janeiro. No segundo semestre, os problemas decorrem da seca recorde na Amazônia e do elevado número de focos de incêndio no Centro-Oeste, Norte e Sudeste do país, cuja fumaça se espalhou e cobriu, em setembro, cerca de 60% do território nacional¹. O ano de 2023 não havia sido muito diferente, com chuvas torrenciais em São Paulo em novembro, no Rio Grande do Sul em setembro, além de ondas de calor cada vez mais intensas e frequentes, num período marcado como o mais quente já registrado na Terra. A retrospectiva dos últimos anos materializa o que chamamos de emergência climática ou, como disse o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, a “efervescência global” (*global boiling*, em inglês); neste relatório, buscamos discutir alguns de seus impactos na sociedade brasileira.

Diante desse cenário, a questão das mudanças climáticas tem se tornado cada vez mais central no debate público e político brasileiro. A eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, colocou o Brasil na contramão dos esforços globais para enfrentar a crise climática. Durante seu mandato, entre 2019 e 2022,

a postura do governo foi marcada por uma série de ações e declarações que minoraram a relevância e a gravidade das mudanças climáticas e, ademais, enfraqueceram órgãos de fiscalização ambiental. Essa posição teve efeitos dramáticos nas políticas públicas nacionais, refletindo-se no aumento expressivo do desmatamento na Amazônia, no avanço do agronegócio e da mineração sobre terras que deveriam ser protegidas e no abandono pelo governo brasileiro de uma diplomacia multilateral atuante nessa agenda. Assim, o avanço do garimpo e da mineração ilegal intensificou a degradação ambiental, especialmente em áreas protegidas e em terras indígenas. A imagem internacional do Brasil sofreu abalos significativos, gerando críticas de diversos países e organizações que viam o país como peça-chave no combate à crise climática global. A política negacionista do governo Bolsonaro agravou o isolamento do Brasil em fóruns internacionais e comprometeu a credibilidade do país em negociações climáticas.

O governo do presidente Lula tem trabalhado para recuperar o protagonismo brasileiro na área ambiental. Uma das primeiras medidas foi a reformulação do Ministério do Meio Ambiente, que passou a se chamar Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Além disso, o país foi escolhido para sediar a COP 30 em 2025, na cidade de Belém. No plano interno, as políticas públicas voltadas para a questão ambiental começaram a ser reestruturadas, restabelecendo uma base institucional mínima de apoio e monitoramento, embora

¹ CARVALHO, Luísa. Fumaça cobre 60% do Brasil e deve se manter pelos próximos meses. Poder360, 9 set. 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/meio-ambiente/fumaca-cobre-60-do-brasil-e-deve-se-manter-pelos-proximos-meses/>. Acesso em: 21 set. 2024.

muitas tensões com o Congresso permaneçam e muitas contradições sejam aparentes no seio da coalizão governamental. Isso faz com que muitos desses esforços internos se confrontem com importantes desafios, limitações orçamentárias, capacidade estatal limitada, dificuldades de implementação e alcance, e disputas políticas entre diferentes grupos de interesse com representação no governo. Um dos maiores desafios é a renovação, no campo do pensamento político e do planejamento de médio e longo prazos, dos contornos do modelo de desenvolvimento brasileiro em que a redução das emissões de gases de efeito estufa (GEE) não seja mera alegoria ou adjetivo sem relevância. A superação da economia fóssil e do agronegócio destruidor da natureza e de todas as contradições associadas a esses dois setores econômicos, segue sendo meta futura fundamental para o atual governo.

No campo político, observa-se a presença progressivamente maior de pautas ambientais e climáticas em discursos eleitorais e políticas públicas, do local ao nacional, com destaque para discussões sobre a transição para uma economia de baixo carbono, energias renováveis e a preservação dos biomas brasileiros (com destaque para a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal). Ao mesmo tempo, cresce a conscientização da sociedade brasileira sobre a gravidade da crise climática, impulsionada por movimentos sociais, ONGs e campanhas de educação ambiental que pressionam por respostas mais rápidas, eficazes e justas. No âmbito da sociedade civil, intensificam-se as redes de ativismos e as mobilizações cidadãs, além de se consolidarem as pesquisas sobre as múltiplas interações entre a população brasileira e as mudanças climáticas.

O presente relatório apresenta os resultados de uma pesquisa que busca contribuir para a compreensão de como as brasileiras e os brasileiros estão lidando com as mudanças climáticas. Trata-se de um projeto conjunto entre o Observatório Interdisciplinar das Mudanças Climáticas (OIMC) da Universidade do Estado do Rio de Ja-

neiro (UERJ) e o Observatório Político e Eleitoral (OPEL), vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Em conjunto, OIMC e OPEL conduziram 12 grupos focais em 6 cidades: três no estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Duque de Caxias e Niterói) e três no estado de São Paulo (São Paulo, Diadema e Osasco). O objetivo principal da pesquisa foi analisar as percepções, as preferências, as demandas e as experiências das pessoas vivendo nessas localidades em relação ao fenômeno das mudanças climáticas; o objetivo secundário foi entender como a emergência climática se relaciona com as vidas cotidianas dessas pessoas nas cidades em que moram. Em cada município, os grupos focais foram divididos de acordo com dois recortes, um de juventude e outro de pessoas que vivem nas periferias urbanas, com 10 participantes cada. Os participantes foram submetidos a um roteiro de perguntas semiestruturadas sobre vida e cotidiano na cidade, o entendimento sobre mudanças climáticas, suas causas e as responsabilidades do fenômeno. Também foram feitas perguntas sobre como se informam acerca das mudanças climáticas e como avaliam que o poder público e a sociedade devem atuar.

Nossa hipótese geral é de que existe reconhecimento social da existência e da gravidade das mudanças climáticas, amplamente disseminado. É importante ressaltar que essa percepção deriva da experiência concreta de vida das pessoas, tornando as opiniões sobre o tema mais consistentes e enraizadas na população. No entanto, os sentimentos e as demandas que surgem a partir desse entendimento geral são diversos e, muitas vezes, contraditórios. Isso requer uma atuação formativa mais intensa e sistemática por parte dos governos e da sociedade civil organizada. Predominam o pessimismo, a sensação de impotência e a disposição para ações apenas individuais, em detrimento de um impulso mobilizador coletivo, por meio

de políticas públicas e de articulações público-privadas em torno do interesse comum. É fundamental enfrentar essa subjetividade coletiva que emerge da pesquisa a fim de construir uma consciência ativa e engajada mais abrangente e comunitária, capaz de viabilizar e fortalecer ações nos territórios e intervenções cidadãs mais amplas.

O texto a seguir está dividido em quatro partes: primeiro, abordamos o modo como as pessoas entrevistadas reconhecem as mudanças climáticas

a partir de suas experiências de vida; segundo, analisamos o sentimento de cada indivíduo sobre o fenômeno, bem como a questão da atribuição de responsabilidades (causais e de ação), incluindo a disposição individual para agir; terceiro, a percepção sobre o papel da ciência e a relevância das políticas públicas climáticas e ambientais; quarto, analisamos como os grupos percebem o papel e a atuação dos governos e da política nessa área. Ao final, tecemos algumas considerações finais com apontamentos para novas pesquisas.

1 RECONHECIMENTO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Este capítulo tem como objetivo explorar a forma como a população reconhece e compreende as mudanças climáticas, abordando questões relacionadas à aceitação do fenômeno e às diferentes interpretações que ele suscita. Embora nos grupos focais seja amplamente aceito que a crise climática é uma realidade cujos efeitos são percebidos de maneira direta no cotidiano das cidades, muitas pessoas ainda não têm uma concepção clara e precisa sobre o que, de fato, caracteriza as mudanças climáticas enquanto fenômeno complexo e multidimensional. Essa lacuna entre a experiência e o entendimento reflete um conhecimento fragmentado e, muitas vezes, superficial sobre o tema. Neste contexto, o reconhecimento do fenômeno é influenciado por uma combinação de fatores, incluindo a educação formal, as informações veiculadas na mídia tradicional e nas redes sociais, além da experiência pessoal de cada indivíduo em suas vidas cotidianas. Paralelamente, há um consenso crescente de que os grupos social e economicamente mais vulneráveis — especialmente os mais pobres — são os que mais sofrem com os impactos das mudanças climá-

ticas. No entanto, essa percepção é pouco conectada com a dimensão racial, e ainda menos com o conceito de racismo ambiental, segundo o qual as injustiças ambientais e climáticas afetam desproporcionalmente comunidades, indivíduos e grupos racializados.

1.1 Percepção das Mudanças Climáticas no cotidiano urbano

O reconhecimento das mudanças climáticas vem crescendo no Brasil, impulsionado em grande parte pela forma como as pessoas vivenciam seus efeitos nas cidades. Ondas de calor, enchentes, secas prolongadas, períodos prolongados de baixa qualidade do ar e outros eventos climáticos extremos tornaram-se parte do cotidiano urbano, levando a população a viver na prática e com frequência a severidade e a urgência do problema. À medida que essas mudanças afetam diretamente a qualidade de vida nas cidades, mais pessoas passam a reconhecer a crise climática, ainda que de maneira fragmentada, baseando-se tanto em suas próprias vivências, quanto nas informações disseminadas por agentes da mídia, das redes sociais e do campo da educação. Pesquisas de opinião pública realizadas no Brasil têm confir-

mado essa tendência^{2,3,4}.

Nos grupos focais, todos os 114 participantes expressaram que acreditam nas mudanças climáticas. Ao definir o conceito, 100% dos presentes relacionaram a mudança do clima à interferência humana, sem considerar que se trata apenas de um curso natural do ambiente.

“Tem as mudanças climáticas naturais, criadas por Deus e tem as mudanças climáticas causadas por nós. Conforme a gente se desenvolve como sociedade, ocorrem as mudanças climáticas, quanto mais indústria, mais poluentes, pior para camada de ozônio, é muita poluição. Muito da culpa das mudanças climáticas é nossa”. Jovem, Niterói, mulher, 28 anos, parda, promotora de vendas, eleitora de Ciro Gomes/Lula.

Nos grupos da cidade de São Paulo, 14 participantes associaram as mudanças climáticas ao aquecimento global e a eventos climáticos extremos, enquanto 4 as vincularam à degradação ambiental:

“A gente está vivendo a maior prova de que isso é fato. Porque agora era pra tá esse calor? Está mais quente agora do que no verão. Eu tenho certeza de que tudo isso é consequência de tudo que cada um de nós faz com a natureza. A natureza tinha um curso perfeito, porque ela era natural, hoje em dia não existe mais natureza, não existe mais a naturalidade da natureza, o ser humano destruiu a natureza, e como consequência tem todo esse aquecimento global”. pessoa periférica, São Paulo, mulher, 40 anos, branca, enfermeira, eleitora de Lula.

Em Diadema, 12 participantes fizeram a conexão com o clima, e 4 mencionaram a degradação

ambiental. Já em Osasco, 14 pessoas associaram as mudanças climáticas ao clima e 5 à degradação ambiental, com alguns participantes fazendo referência a ambos os aspectos:

“As mudanças climáticas estão acontecendo, olha o Rio Grande do Sul. Não tem nem palavras para expressar o que eles estão passando. Eu acho que é a quebra da camada de ozônio, por isso o aquecimento global”. - pessoa periférica, Diadema, mulher, 50 anos, branca, vendedora, eleitora de Ciro Gomes/Lula.

“É muito por conta do ser humano. A gente está conseguindo ver hoje no Brasil os extremos. O Sul acabando em água, o Nordeste acabando em fogo e a gente aqui no meio super seco. Não tem chuva, a gente está respirando a fumaça do carro. E não é só aqui, é mundial.” - jovem, Osasco, mulher, 22 anos, parda, assistente sênior de RH, eleitora de Ciro Gomes/Lula.

Nos grupos focais do Estado do Rio de Janeiro, 20 respondentes identificaram as mudanças climáticas nas alterações cotidianas do clima. Dentre eles, estavam 3 jovens e 3 moradores periféricos do Rio de Janeiro, 2 jovens e 3 moradores periféricos de Niterói, bem como 5 jovens e 4 moradores periféricos de Caxias:

“Vejo a mudança climática no dia a dia. O Rio nunca teve estações definidas. Sempre foi verão com chuva e inverno com calor. Mas, agora, os períodos estão absurdos, é calor o tempo todo”. – jovem, Rio de Janeiro, mulher, 25 anos, preta, auxiliar de serviços gerais e eleitora do Bolsonaro.

Em contraste, 23 participantes reconheceram as mudanças climáticas em eventos extremos,

2 SPEKTOR, M., FASOLIN, G. N., SALGADO, V. T. Confronting Climate Skepticism in Brazil: Recommendations for Communicators. Escola de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas, FGV, São Paulo, Brazil, 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/pesquisa-analisa-pensam-brasileiros-sobre-mudancas-climaticas>. Acesso em: 22 de set. de 2024.

3 MARLON, J. et al. Yale Climate Opinion Maps 2023. Yale Program on Climate Change Communication database, 2023. Disponível em: <https://climatecommunication.yale.edu/visualizations-data/ycom-us/>. Acesso em: 23 de set. de 2024.

4 FLYNN, C. et al. Peoples' Climate Vote 2024 Results. UNDP, University of Oxford, 2024. Disponível em: <https://www.undp.org/publications/peoples-climate-vote-2024>. Acesso em: 23 de set. de 2024.

como enchentes, deslizamentos, derretimento das geleiras, secas e danos à camada de ozônio, incluindo 11 mulheres. Esses participantes eram 6 jovens e 4 moradores periféricos do Rio de Janeiro, 3 jovens e 4 moradores periféricos de Niterói, e 4 jovens e 2 moradores periféricos de Caxias.

*“O clima mudou muito. Antes, os invernos eram bem frios, e as estações eram bem definidas. Agora, parece que vivemos um verão constante. E isso localmente e globalmente, como as chuvas intensas no Sul, influenciadas pelo El Niño. Essas mudanças climáticas são resultado da ação humana, especialmente desde a Revolução Industrial. Embora nem todos contribuem igualmente para isso, o impacto é claro, com recordes de calor sendo quebrados a cada ano.” - **pessoa periférica, Niterói, mulher, 41 anos, branca, esteticista, eleitora de Bolsonaro.***

*“Acredito que a mudança climática é uma consequência de nossas ações, e a falta de planejamento agrava isso. Muitas vezes sabemos o que pode acontecer, como no Rio Grande do Sul, mas não agimos para prevenir. A natureza muda, mas também podemos evitar muitos problemas se pensarmos no futuro. O El Niño é o fenômeno, a chuva com volume é maior, o sol é maior. Então a gente tem que se planejar. O problema de não se planejar e também não acreditar.” - **jovem, Duque de Caxias, mulher, 29 anos, preta, auxiliar de administração, eleitora de Simone Tebet/Lula.***

Após o reconhecimento da existência e da gravidade das mudanças climáticas como um fenômeno global é essencial refletir sobre como os eventos climáticos extremos são sentidos por cada um dos indivíduos que participaram dos grupos focais e como relacionam o fenômeno com a dinâmica cotidiana das cidades.



Ricardo Stuckert/PR

A cidade de Porto Alegre vivenciou sua pior enchente em decorrência de más decisões de gestão urbana e da falta de políticas preventivas

1.2 Eventos climáticos que influenciam a compreensão sobre as mudanças climáticas

O reconhecimento das mudanças climáticas pela população é influenciado por uma variedade de fatores que moldam a forma como o fenômeno é compreendido e percebido. Entre esses fatores, destacam-se a educação formal, a cobertura da mídia tradicional, o papel das redes sociais e as experiências pessoais com eventos climáticos extremos. Essas influências contribuem para formar diferentes níveis de conhecimento, aceitação e preocupação sobre as causas e os impactos das mudanças climáticas.

Quando questionadas sobre suas experiências pessoais com enchentes, ondas de calor, deslizamentos, secas prolongadas e outros eventos extremos, os participantes dos grupos focais frequentemente mencionaram termos como "aquecimento global" e "mudanças climáticas" para aludir a fatores explicativos desses acontecimentos. Essa resposta espontânea indica que as pessoas já estabelecem uma conexão entre esses eventos climáticos adversos e o fenômeno das mudanças climáticas, mesmo antes de serem questionadas diretamente sobre o tema. Essa associação sugere que, apesar de haver uma compreensão fragmentada sobre o que constitui o fenômeno das mudanças climáticas, existe uma consciência crescente de que os problemas ambientais estão interligados e têm uma causa comum associada à interferência humana no clima, em particular, e na natureza, em geral.

Entre os participantes, 84 relataram enfrentar enchentes, alagamentos e problemas causados pelas chuvas, tanto em suas residências, quanto no trabalho ou nas ruas, ao passo que 105 mencionaram ondas de calor intenso. Essa amostra representa, respectivamente, 73,68% e 92,10% dos entrevistados.

"Estamos vivendo enchentes, tempestades e alagamentos, é uma prova cabal da mu-

dança climática." – jovem, Rio de Janeiro, homem, 28 anos, preto, assistente social, eleitor de Soraya Thronicke/Lula.

Nos grupos focais fluminenses, 48 participantes mencionaram enchentes, alagamentos e problemas causados pelas chuvas. Dentre esses participantes, 24 eram mulheres e 23 pertenciam a grupos periféricos. A distribuição dos relatos mostrou que, no Rio de Janeiro, sete jovens e oito pessoas de áreas periféricas descreveram essas dificuldades. Em Niterói, nove jovens e sete pessoas de áreas periféricas relataram situações similares. Em Duque de Caxias, nove jovens e oito moradores de áreas periféricas também mencionaram enfrentar problemas relacionados a enchentes e alagamentos.

"Este ano, durante uma forte chuva, ouvi sirenes pela primeira vez alertando para evacuação da comunidade. O som de gritos, cachorros latindo e crianças chorando foi desesperador, me deixando impotente, sem poder ajudar. Meu prédio ficou dois dias sem luz e tive que ir para a casa da minha mãe." - pessoa periférica, Niterói, mulher, 32 anos, branca, microempreendedora, eleitora de Lula.

"Onde moro é crítico com as chuvas, especialmente Padre Miguel, Realengo e parte de Bangu. Quando chove muito, as ruas ficam completamente alagadas, impossibilitando a passagem de carros. Da última vez, levei duas horas e meia para chegar em casa e tive que andar com água no joelho." - pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 48 anos, branco, consultor em telefonia, votou em branco.

"Já perdi praticamente tudo em uma enchente. Minha rua é plana, e o asfalto recente e foi feito de forma desnivelada, piorou a situação, o asfalto elevou as ruas, deixou as casas em um nível mais baixo." - jovem, Duque de Caxias, mulher, 29 anos, preta, auxiliar de administração, eleitora de Simone Tebet/Lula.

Além disso, 54 participantes, 93,10% dos presentes nos grupos do RJ, afirmaram sofrer com ondas de calor intenso, relatando problemas de saúde relacionados a essas condições. No Rio de Janeiro, nove jovens e nove pessoas de áreas periféricas confirmaram tais dificuldades. Em Niterói, oito jovens e nove moradores de áreas periféricas também indicaram sofrer com o calor. Em Duque de Caxias, dez jovens e nove pessoas de áreas periféricas relataram problemas semelhantes.

“A minha conta de luz de R\$200 agora está R\$450 por causa dos ar-condicionado ligado, o dia inteiro. Meu cachorro fica ofegante. Ele sente muito calor e eu também, sinto muito hoje do que antes. É muito perceptível. É uma questão climática, porém pode ser feita alguma coisa para conseguir alterar.” – jovem, Niterói, homem, 29 anos, pardo, supervisor comercial, eleitor de Bolsonaro.

A queda ou falta de energia elétrica durante as chuvas foi uma preocupação expressa por 37 pessoas. Entre os participantes, três eram jovens do Rio de Janeiro, enquanto oito eram de áreas periféricas da cidade. Em Niterói, seis jovens e seis moradores de áreas periféricas relataram esse problema. Em Duque de Caxias, oito jovens e seis pessoas de áreas periféricas também mencionaram a ocorrência frequente de falta de luz.

No que diz respeito à falta de áreas verdes e à manutenção inadequada ou insegurança em espaços públicos, como parques e praças, 18 das 29 pessoas questionadas expressaram insatisfação. Em Duque de Caxias, nove jovens e cinco moradores de áreas periféricas, além de quatro jovens do Rio de Janeiro, manifestaram essa queixa. No entanto, os participantes dos grupos de áreas periféricas do Rio de Janeiro, assim como os jovens e moradores periféricos de Niterói não foram questionados sobre esse tema.

Por fim, 7 de 19 pessoas questionadas relataram sofrer problemas de saúde, mobilidade ou bem-estar devido à poluição. Entre essas, 3 eram jovens do Rio de Janeiro e 4, moradores de

áreas periféricas de Duque de Caxias. Os demais grupos focais, incluindo moradores de áreas periféricas do Rio de Janeiro, jovens e periféricos de Niterói, e jovens de Duque de Caxias, não foram questionados sobre a poluição.

Nos grupos focais paulistas, 51 participantes relataram sofrer com ondas de calor. Dentre esses, 18 eram residentes de São Paulo, 17 de Diadema e 16 de Osasco.

“A vida do paulistano é bagunçada no calor, isso está mexendo muito com a saúde. Hoje mesmo estou totalmente ruim, a cabeça tá doendo muito por conta desse calor. Falaram que ia entrar um frio, estou esperando até agora. Tá um calorão nas quatro estações. É o que a gente está vivendo nesses últimos tempos, está tudo bagunçado.” – pessoa periférica, São Paulo, mulher, 39 anos, branca, revendedora de cosméticos, eleitora de Bolsonaro.

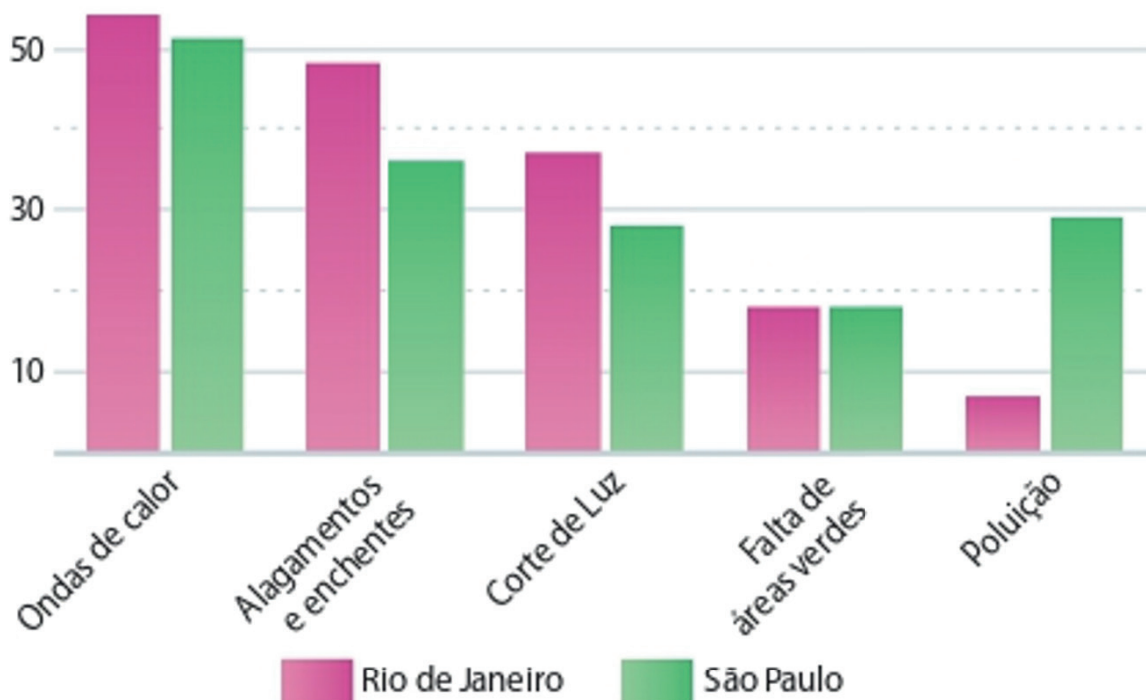
Além disso, 36 pessoas afirmaram enfrentar problemas com alagamentos, seja de forma pessoal ou em relação a pessoas próximas. Essa distribuição incluiu 11 participantes de São Paulo, 9 de Diadema e 16 de Osasco.

“Passei por duas enchentes no passado, perdi duas casas na frente do córrego Pirajussara.” – pessoa periférica, São Paulo, 50 anos, preto, vendedor de cosméticos, eleitor de Simone Tebet/Lula

“Onde eu moro tem muita enchente. E eu não gosto muito de falar disso, mas perdi um filho na enchente. Eu tenho três filhos, o quarto eu perdi na enchente. Quando começa a chover fraco assim, eu já tiro eles, porque teve uma vez que inundou minha casa, eu quase perdi a minha menina mais nova. Por conta disso, eu falo da enchente, reclamo do lixo também que os moradores ao invés de jogar na caçamba, joga no cantinho, joga na rua e acaba acontecendo isso.” – jovem, Osasco, homem, 26 anos, preto, auxiliar de RH, eleitor de Bolsonaro

Gráfico 1 CONSEQUÊNCIAS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Respondentes que relataram problemas associados às mudanças climáticas, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, em 2024



*O universo de entrevistados foi de 114, sendo 56 pessoas em São Paulo (Capital, Diadema e Osasco) e 58 no Rio de Janeiro (Capital, Niterói e Caxias). No Rio de Janeiro, apenas 29 pessoas foram questionadas sobre áreas verdes e 19 sobre poluição. Em São Paulo, apenas 46 pessoas foram questionadas sobre poluição e 47 sobre corte de luz. Fonte: elaboração própria, com base na pesquisa do OPEL - OIMC, 2024.

Labmundo, 2024

Em relação à poluição do ar, 29 participantes manifestaram preocupação. Destes, 7 eram de São Paulo, 13 de Diadema e 9 de Osasco. Houve um consenso geral de que a poluição do ar está se agravando, refletindo um aumento na percepção de deterioração ambiental.

“O calor é insuportável. Eu lembro que eu assisti ao jornal a temperatura máxima era 26°C, 27°C e hoje bate 34°C, 35°C. Pra mim, o calor vem subindo constantemente. Eu acho que é por causa do aquecimento

global. Com certeza. Eu acho insuportável o calor. É muito quente! Não venta no ABC, tem muita empresa. Então tem poluição, o ar fica ruim, as crianças ficam doentes.” - jovem, Diadema, pardo, motorista de Uber, eleitor de Luiz Felipe D’avila/Lula

Quanto à falta de áreas verdes e à manutenção e segurança insuficientes nesses espaços, como parques e praças, 18 pessoas expressaram insatisfação. A divisão dessa reclamação foi uniforme, com 6 participantes de cada uma das cidades: São Paulo, Osasco e Diadema.

1.3 Principais afetados pelos impactos climáticos

No debate sobre os grupos mais afetados pelas mudanças climáticas, emerge uma clara percepção de que as populações mais pobres são as mais vulneráveis e enfrentam os maiores desafios. Entre os presentes, 88 participantes dos grupos focais concordam que os mais pobres e os residentes de áreas urbanas periféricas são os mais impactados pelos efeitos adversos das mudanças climáticas. Esse número corresponde a 77,19% do total dos participantes nas seis cidades pesquisadas. No entanto, há uma muito baixa menção a outros grupos vulneráveis, como a população negra, as comunidades indígenas e quilombolas, identificado por apenas 6,14% dos participantes.

Nos grupos focais no Rio de Janeiro, 47 respondentes identificaram os mais pobres como o principal grupo afetado pelas mudanças climáticas, enquanto apenas 5 pessoas mencionaram a população negra, indígena ou quilombola. Especificamente, 2 jovens do Rio de Janeiro destacaram os negros como um grupo vulnerável.

Classe trabalhadora e também pessoas negras porque existe um racismo ambiental – jovem, Rio de Janeiro, homem, 25 anos, preto, consultor de RH, eleitor do Lula

Em Niterói, 7 jovens e 10 moradores de áreas periféricas também apontaram os mais pobres como grupo mais afetado, com 2 jovens mencionando a população negra e 1 morador periférico citando negros, indígenas e quilombolas. Em Duque de Caxias, 8 jovens e 5 moradores de áreas periféricas participaram, com 2 jovens destacando a classe média, 4 pessoas mencionando comerciantes ou ambulantes e 3 referindo-se a moradores de áreas de declive ou baixas. Notavelmente, Caxias foi a única cidade onde a geografia do local de moradia foi considerada relevante e onde os comerciantes foram especificamente identificados como um grupo afetado pelas mudanças climáticas.

“Morador de rua, empresário do comércio, trabalhador que passa mais tempo fora de casa, animais em geral.” – jovem, Osasco, homem, 23 anos, pardo, auxiliar administrativo, eleitor de Ciro Gomes/Bolsonaro

A percepção de que as classes baixas, os habitantes de áreas urbanas periféricas e os mais pobres são os mais afetados foi relatada por 17 respondentes em São Paulo, 11 em Diadema e 13 em Osasco. Além disso, dois respondentes de Osasco destacaram a população negra como especialmente vulnerável às mudanças climáticas. Quatro participantes mencionaram a população de rua como um grupo severamente impactado, sendo um de São Paulo e três de Osasco. Outros 15 respondentes apontaram pessoas com problemas de saúde, com ênfase em idosos e crianças, como especialmente afetadas. Dentre eles, 4 eram de São Paulo, todos os 9 participantes da periferia de Diadema e 2 de Osasco.

“Periférico. Porque eu vivo na periferia, moro lá e para mim é assim, a periferia sofre mais.” – jovem, Diadema, homem, 22 anos, preto, dono de sorveteria, eleitor de Lula

“O pobre, com certeza. Porque o rico não é afetado, pode até ser afetado com uma questão de morte numa catástrofe, mas, no geral, quem tem grana, tem dinheiro para suprir as perdas. Quem perder tudo dificilmente vai conseguir recuperar isso de um dia para o outro, ou trocar de casa.” – jovem, Osasco, homem, 23 anos, pardo, auxiliar administrativo, eleitor de Ciro Gomes/Bolsonaro

No debate sobre os grupos mais afetados pelas mudanças climáticas, um aspecto crucial é a pouca familiaridade com o termo "racismo ambiental". Dos 114 participantes, apenas 20 disseram ter ouvido falar sobre o conceito. Muitos participantes dos grupos focais demonstraram não ter um entendimento claro, frequentemente confundindo-o ou não associando-o diretamente aos efeitos adversos das mudanças climáticas.

O racismo ambiental se refere às desigualdades que, em primeiro lugar, resultam na exposição desproporcional de comunidades marginalizadas e racializadas a riscos ambientais e desastres climáticos, ao mesmo tempo em que, segundo, são as comunidades com ínfima participação e responsabilidade na geração e na reprodução dos problemas ambientais e da emergência climática. Argumentamos que a falta de conhecimento e a compreensão difusa sobre esse fenômeno indicam que ele não está suficientemente presente no debate público e como eixo transversal nas políticas de adaptação e mitigação. Esse desconhecimento ressalta a necessidade de uma maior conscientização e de sérios investimentos (principalmente públicos) na educação sobre como as questões ambientais e sociais estão relacionadas entre si, para garantir que as medidas de enfrentamento das mudanças climáticas considerem e abordem justa e eficazmente as desigualdades raciais e socioeconômicas.

“Foi uma polêmica da ministra, Anielle Franco, né? Como vivemos num país muito polarizado, as pessoas, ao invés de tentar entender para depois tirar uma conclusão, já polemizam. Quando surgiu a polêmica no Twitter, fui pesquisar e realmente faz muito sentido o que ela falou. Sou apartidário, tá? A questão das mudanças climáticas, afetam a população pobre e a maioria da população pobre é de pessoas negras. Na Zona Sul, tem pessoas de alto poder aquisitivo, são pessoas brancas e privilegiadas. Realmente existe mesmo o Racismo Ambiental, porque quem mais sofre as consequências são pessoas pretas.”
– *pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 48 anos, branco, consultor em telefonia, votou em branco*

“Comentei sobre racismo ambiental, que é uma coisa que acontece comigo. Quem é que geralmente mora em áreas de risco? Pessoas pretas! Pessoas pretas pobres, moram na beira do rio, os ribeirinhos. To-

das essas pessoas sofrem com esse racismo ambiental.” - *jovem, Niterói, mulher, 26 anos, preta, professora, eleitora do Bolsonaro*

“A periferia, principalmente. Quem tem dinheiro, tudo se resolve de uma certa forma. Se tô com calor, compro ar-condicionado. Claro que tem uma limitação, mas a enchente vai estar mais nos lugares periféricos. A luz volta num tempo menor, em geral, nos bairros mais nobres e mais tempo nos bairros periféricos. A população que tá na periferia, generalizando, não é a mesma população que tá nos bairros nobres e centrais. Então, a população preta. Tanto que a gente fala em racismo ambiental porque não afeta da mesma forma as diferentes raças. Acho que a minorias, mulher, LGBT, as pessoas pretas, tendem a ser mais afetadas porque são mais excluídas da sociedade. Tudo que pode afetar a economia tende a ser pior para as minorias.” - *jovem, São Paulo, mulher, 23 anos, branca, estudante, eleitora de Lula*

Um conceito que emergiu de modo espontâneo nos grupos focais de juventude foi o de "refugiado climático". Duas participantes mencionaram esse termo para descrever pessoas que são forçadas a deixar suas casas e buscar refúgio em outras áreas devido a eventos climáticos extremos. Essa menção espontânea sugere uma percepção crescente sobre os impactos sociais das mudanças climáticas, reconhecendo que as condições ambientais adversas não apenas afetam o cotidiano, mas também têm o potencial de deslocar comunidades inteiras, criando novas formas de migração forçada e vulnerabilidade.

“Acredito que, em algum tempo não tão distante, poderemos ter refugiados climáticos.” - *jovem, Rio de Janeiro, mulher, 23 anos, branca, corretora de imóveis, eleitora de Bolsonaro*

“Olha o Rio Grande do Sul. Eu vi uma postagem, a chance ser um refugiado climático é muito maior que ser milionário. Isso pode afetar qualquer um e cada vez em proporções maiores.” - jovem, São Paulo, mulher, 23 anos, branca, estudante, eleitora de Lula

Sendo assim, os grupos de respondentes destacaram que as mudanças climáticas afetam desproporcionalmente as populações mais pobres, especialmente aquelas que vivem em áreas de risco e com menor acesso a recursos urbanos. As consequências, como enchentes, ondas de calor e poluição, tendem a agravar as desigualdades já existentes nas cidades, impactando diretamente as condições de vida dessas comunidades. A falta de infraestrutura adequada, somada à ausência de políticas públicas eficazes de mitigação e adaptação, torna essas populações as mais expostas e com menos capacidade de resposta frente aos desastres climáticos.

Este capítulo teve por objetivo explorar como a população reconhece e compreende as mudanças climáticas, revelando uma aceitação generalizada do fenômeno, mas também uma falta de clareza sobre o que realmente o caracteriza. A lacuna entre a experiência cotidiana e o entendimento técnico e político das mudanças climáticas evidencia um conhecimento fragmentado e superficial. Além disso, embora haja consenso sobre o impacto desproporcional da emergência climática nas populações mais pobres e periféricas, a percepção dessa desigualdade raramente é conectada à questão racial, que se confirma também pela falta de reconhecimento do conceito de racismo ambiental. Essa dissociação entre a experiência vivida e uma compreensão mais profunda revela não apenas a complexidade do tema, mas também a perplexidade e a inação geradas pela crise climática.

Ao avançar para o próximo capítulo, torna-se crucial aprofundar a análise dos sentimentos de inação e perplexidade que emergem nas falas dos respondentes. Embora a maioria reconheça

a gravidade das mudanças climáticas, emergem sentimentos de impotência diante da magnitude do fenômeno e das limitações das respostas políticas. Isso gera uma sensação de estagnação frente a um problema que, embora visível, produz imobilização tanto das pessoas quanto das instituições responsáveis por enfrentá-lo.

2 PERPLEXIDADE, PESSIMISMO E INAÇÃO: COMO AGIR?

Diante do reconhecimento da existência e gravidade das mudanças climáticas, por todas as pessoas entrevistadas, e com base em sua própria experiência cotidiana de vida nas cidades, surge a questão de como agir diante dessa situação politicamente dramática e urgente. Este segundo capítulo explora os achados da pesquisa a respeito da dimensão da ação com relação à crise climática. Primeiro, identificamos um forte sentimento de pessimismo e fatalismo frente ao fenômeno entre as entrevistadas e os entrevistados. A partir desse ponto, emerge a questão da responsabilidade pelas mudanças climáticas, na qual predomina uma visão genérica, e pouco política, da culpa do “ser humano”, contribuindo para o pessimismo ilustrado em expressões tais como “não vai adiantar” ou “vai piorar”. Por último, como consequência dessa generalização das responsabilidades, as pessoas entrevistadas, em sua maioria, manifestam uma disposição para agir individualmente, sob a ideia de “fazer a minha parte”, enquanto se observa uma falta de engajamento em soluções coletivas para enfrentar o problema climático no Brasil.

2.1 Pessimismo e impotência

Ao longo das trocas nos grupos focais, fez-se presente um sentimento de pessimismo em

relação à possibilidade de reverter o processo das mudanças climáticas. Não havia no roteiro nenhuma pergunta específica sobre isso, mas muitas pessoas entrevistadas expressaram a percepção de que os danos causados ao meio ambiente são irreversíveis ou de difícil mitigação, o que gera um desânimo em relação à capacidade de ação individual e coletiva. Esse pessimismo está relacionado à percepção de que as pessoas, de forma geral, agem de maneira individualista e pouco se preocupam com o futuro do planeta, priorizando o bem-estar imediato em detrimento do que será deixado para as próximas gerações.

Além disso, há uma sensação de que a ganância e a busca pelo lucro se sobrepõem à necessidade de manter um planeta habitável para as gerações atuais e futuras. Essa visão agrava a sensação de desânimo e impotência, levando muitos a acreditar que seus esforços são insignificantes ou fazem pouca diferença diante de um cenário onde o interesse pessoal e econômico de curto prazo prevalece sobre a responsabilidade coletiva pelo clima planetário de longo prazo. Percebe-se nitidamente a tensão entre a temporalidade da ação (individual e coletiva) e a temporalidade geológica do chamado sistema-Terra.

Nos grupos focais de São Paulo, identificamos o sentimento pessimista em 58,92% dos participantes, enquanto nos grupos focais fluminenses esse índice foi de 36,20%. Em todos os grupos, as manifestações pessimistas superaram as otimistas.

Em São Paulo, 21 participantes expressaram que a situação não tem mais jeito ou está piorando, o que corresponde a 37,5% do total do estado. Foram 4 jovens de São Paulo, 4 pessoas periféricas de São Paulo, 1 jovem de Diadema, 6 pessoas periféricas de Diadema, 3 jovens de Osasco e 3 pessoas periféricas de Osasco.

“Não tem como viver assim. Do jeito que andam as coisas, a gente não vai ver tanto.” – jovem, São Paulo, mulher, 25 anos, preta, analista administrativo, eleitora do Lula

“Não vai mudar tão cedo porque o Brasil é um país subdesenvolvido e a gente não tem condições de pagar U\$ 30 mil num carro. Então vai demorar muito para o mundo se acostumar com isso e mudar a situação que está atualmente.” – *pessoa periférica, São Paulo, homem, 23 anos, branco, sushi-mam, eleitor de Bolsonaro*

“Vocês falaram no aquecimento global, na verdade, a gente tá em um momento de ebulição global, falaram que a NASA disse que não tem mais volta pro mundo.” – *jovem, Diadema, mulher, 18 anos, branca, monitora de hotel, eleitora de Bolsonaro*

“Agora já é tarde, deveria ter sido pensado lá atrás. Hoje em dia até tentam, mas se tornou uma coisa assim tão grande para ser resolvido que eles até começam a fazer algo para tentar melhorar, só que na metade do caminho, vê que não tem jeito e para por ali. Se tornou algo muito grande, impossível de resolver. Tinha que ter pensado lá atrás, hoje acho que não tem mais jeito.” – *pessoa periférica, Diadema, mulher, 28 anos, branca, pedagoga, eleitora de Ciro Gomes/Lula*

“Essas reuniões que tem, as COPs, querem seguir um processo “daqui a 5 anos, vamos diminuir tanto” e você vê que cada vez que passa, de uma reunião para outra, eles não conseguem. Nenhum país desenvolveu os pontos que eles querem. Toda vez é a mesma coisa e só tá piorando.” – *jovem, Osasco, homem, 20 anos, branco, auxiliar administrativo, eleitor de Bolsonaro*

“Está piorando cada vez mais e você não vê um sistema, um projeto do governo para que, não só do governo, a população também, ajude a fazer alguma coisa. Está chegando em um ponto preocupante. Penso nos meus filhos, nos filhos deles, como vai ser? Há muito tempo se fala sobre problema do ambiente, aí criam um sistema,

criam nomes, mas na prática não funciona.” – pessoa periférica, Osasco, mulher, 42 anos, branca, confeiteira, eleitora de Lula

E, por outro lado, foram 7 as falas otimistas, que manifestaram crença em um cenário de melhora das condições climáticas, somando 12,5% do total estadual, sendo 2 jovens de São Paulo, 2 jovens de Diadema, 1 jovem de Osasco e 2 pessoas periféricas de Osasco.

“Ajudar o meio ambiente para aumentar a economia. A gente pode ter as duas, não faz isso e tem uma qualidade de vida muito pequena. Uma mão lava a outra, o útil e o agradável.” – jovem, São Paulo, homem, 19 anos, branco, massoterapeuta, eleitor de Bolsonaro

“Questões de lixo na rua, urbanização, construções. Tudo isso envolve. É algo que a gente não consegue prever, mas a gente consegue prevenir, tem formas de prevenção.” – jovem, Diadema, mulher, 26 anos, preta, analista administrava, eleitora de Luiz Felipe D'avila/Lula

“Se as pessoas se unirem na rua, vai dar certo. Vão dizer não para o próprio povo? Tem um resultado sim.” – jovem, Osasco, mulher, 24 anos, parda, assistente de escritório, eleitora de Lula

“Desmatamento. Se tiver uma melhora no desmatamento, vai melhorar tudo.” – pessoa periférica, Osasco, homem, 31 anos, preto, pintor, eleitor de Lula

No Rio de Janeiro, foram 17 respondentes que se posicionaram de modo pessimista, sendo 29% do total do estado, dividindo-se em 2 jovens do Rio de Janeiro, 3 pessoas periféricas do Rio de Janeiro, 1 jovem de Duque de Caxias, 3 pessoas periféricas de Duque de Caxias, 4 jovens de Niterói e 4 pessoas periféricas de Niterói.

“Na escola é mais fácil ensinar sobre plan-

tar árvores e ser ecológico, mas à medida que crescemos, nos desligamos disso, não é um assunto do meu dia a dia. É até hipocrisia falar tanto em se preocupar, e eu mesma não tento mudar todo dia.” – jovem, Rio de Janeiro, mulher, 23 anos, branca, corretora de imóveis, eleitora de Bolsonaro

“Acho que daqui a uns cem, duzentos anos, se a gente continuar essas construções desenfreadas, desmatamento, tacando lixo no nos rios, fazendo queimadas, vai chegar a ponto que todo mundo vai ter que trabalhar de casa e só vai poder sair depois das 18 horas da noite.” – pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 46 anos, branco, vendedor, eleitor de Lula

“Eu faria parte de tudo. Tá dando merda. Vamos todos morrer.” – jovem, Niterói, homem, 25 anos, branco, garçom, eleitor de Bolsonaro

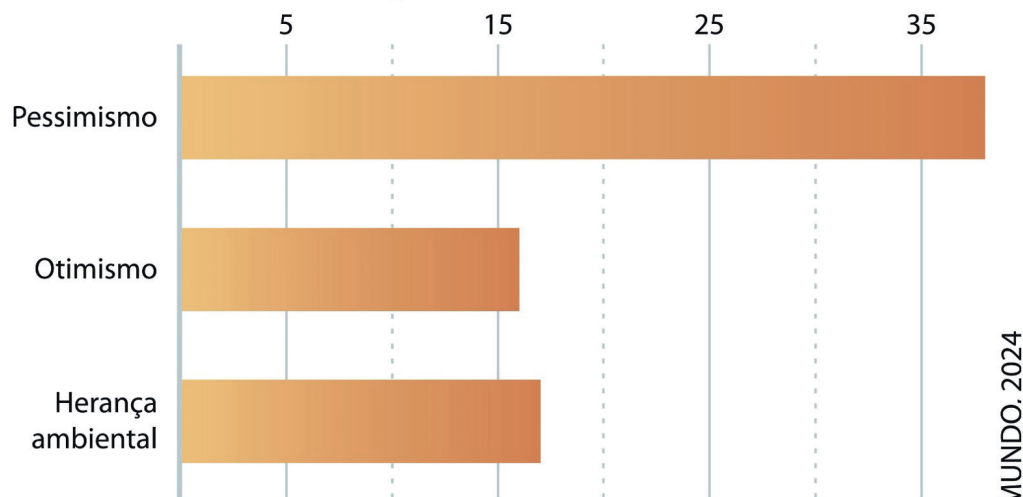
“Mudança climática é mundial. Não tem jeito. Fizeram tanta cagada e agora estamos pagando.” – pessoa periférica, Niterói, homem 45 anos, preto, zelador, eleitor de Bolsonaro

“Todo mundo já ouviu falar, mas a maioria não se importa. Pensam que isso só vai acontecer daqui a muito tempo ou nem vai acontecer. Só vão perceber o impacto quando afetar suas próprias vidas.” – jovem, Duque de Caxias, homem, 22 anos, branco, auxiliar administrativo, eleitor de Lula

“Somos muito imediatistas. O governo, com um mandato de apenas quatro anos, muitas vezes sacrifica o meio ambiente em busca de resultados rápidos, trazendo indústrias para o município sem pensar nas consequências a longo prazo. Daqui há 15 anos, outro governo que se vire. O pensamento é esse.” – pessoa periférica, Duque de Caxias, homem, 40 anos, branco, técnico de enfermagem, eleitor do Bolsonaro

Gráfico 2 PERCEPÇÕES SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Quantidade de respondentes que expressaram otimismo ou pessimismo em relação às respostas às mudanças climáticas e que trouxeram a ideia de herança ambiental



Fonte: elaboração própria, com base na pesquisa OIMC-OPEL, 2024.

LABMUNDO. 2024

Foram 10 as pessoas otimistas, ou 17% do total estadual, sendo 2 jovens do Rio de Janeiro, 3 pessoas periféricas do Rio de Janeiro, 3 jovem de Duque de Caxias e 2 jovens de Niterói.

“Não precisa ser nada absurdo. Depois do alagamento em Petrópolis, a prefeitura de Teresópolis fez um canal de escoamento da água para chuva. Quando choveu muito de novo, Teresópolis não foi afetada, mas Petrópolis foi. Às vezes, é só questão de fazer essas obras básicas, mas bem pensadas.” - jovem, Rio de Janeiro, mulher, 25 anos, branca, trainee de engenharia, eleitora de Lula

“Cubatão, que já foi a cidade mais poluída do mundo, é um exemplo de que mudanças positivas são possíveis.” - pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 48 anos, branco, consultor de telefonia, votou em branco

“Acredito que temos o poder de alterar o percurso dessas mudanças, evitar as catástrofes causadas pela ação humana. jovem, Duque de Caxias, homem, 22 anos, branco, vendedor, eleitor do Bolsonaro” - jovem,

Duque de Caxias, homem, 22 anos, branco, vendedor, eleitor do Bolsonaro

“O desenvolvimento sustentável tá aí. Tem como trabalhar, produzir e vender de modo sustentável, nem sempre é mais lucrativo o caminho mais fácil, mas é o caminho que vai ser mais rápido de arrumar. Mas é possível ter crescimento econômico protegendo o meio ambiente ao mesmo tempo.” - jovem, Niterói, homem, 27 anos, branco, cientista social, eleitor de Simone Tebet/Lula

Embora seja nítido que o pessimismo predomina em todos os grupos focais, é possível ver uma maior presença relativa do otimismo entre os jovens do que nas pessoas periféricas. Em São Paulo, foram 5 jovens otimistas contra duas pessoas periféricas e no Rio de Janeiro também foram 5 jovens otimistas, só que contra três pessoas periféricas.

Em suma, esse pessimismo é produto e produtor da segunda dimensão importante deste capítulo, qual seja, a das responsabilidades causais pelas mudanças climáticas, que analisamos a seguir.

2.2 Responsabilidade genérica do ser humano

Uma vez que todas as pessoas reconhecem a existência das mudanças climáticas e que a maioria percebe uma dificuldade enorme de mudar esse quadro, cabe perguntar por que tudo isso vem acontecendo, de quem é a responsabilidade pela atual crise.

Nos 12 grupos, grande parte das pessoas entrevistadas manifestou uma noção genérica sobre de quem é a responsabilidade por causar e agravar as mudanças climáticas em detrimento de uma visão que aponta atores políticos e sociais específicos. Definimos como uma visão genérica tanto respostas do tipo “o ser humano”, “a humanidade”, “as pessoas”, “eu, você, nós” quanto respostas vagas sobre eventos e processos, tais como “desmatamento”, “lixo”, “ganância”, “dinheiro”, etc. Já a noção de que existem agentes específicos responsáveis pelas mudanças climáticas aparece quanto as entrevistadas e entrevistados apontam algum setor diretamente, por exemplo, indústria, agronegócio, etc.

Nos grupos do estado de São Paulo, apenas uma pessoa não respondeu, do grupo de pessoas periféricas da capital paulista. Naquele universo, 34 do total de 56 participantes atribuíram a responsabilidade ao ser humano, o que corresponde a 61% do total e que se dividem da seguinte forma: 6 jovens de São Paulo, 6 pessoas periféricas de São Paulo, 8 jovens de Diadema, 7 pessoas periféricas de Diadema, 3 jovens de Osasco e 4 pessoas periféricas de Osasco. Ainda na chave genérica, temos 8 participantes, 14,28% do total, afirmam que a responsabilidade está em eventos ou processos tais como “lixo”, “poluição” ou “desmatamento”, sendo 1 jovem de São Paulo, 1 pessoa periférica de São Paulo, 1 jovem de Osasco e 5 pessoas periféricas de Osasco.

“O ser humano não procura cuidar. E quando procura, é um grão de areia no meio de muitos.” – jovem, São Paulo, mu-

lher, 18 anos, branca, estudante, eleitora de Bolsonaro

“A gente está vivendo a maior prova de que isso é fato. Porque agora era pra tá esse calor? Está mais quente agora do que no verão. Eu tenho certeza de que tudo isso é consequência de tudo que cada um de nós faz com a natureza. A natureza tinha um curso perfeito, porque ela era natural, hoje em dia não existe mais natureza, não existe mais a naturalidade da natureza, o ser humano destruiu a natureza, e como consequência tem todo esse aquecimento global.” – pessoa periférica, São Paulo, mulher, 40 anos, branca, enfermeira, eleitora de Lula

“Se a gente cuidasse do ambiente como de casa, sofreria menos na questão de causas climáticas. Estaria colaborando com o mundo e também com o próximo, teria menos riscos.” – jovem, Diadema, homem, 22 anos, branco, revendedor, eleitor de Lula

“É o homem, que só pensa em si e para mudar tinha que ir escola, a 1ª série das crianças para poder daqui para frente melhorar. Se não mudar lá no começo, futuramente vai só piorar. Tem investir pesado nas crianças, porque os que já estão velhos, poucos vão absorver e tentar mudar. Tanto o político como o povo. Não adianta só culpar os políticos, a gente não faz a nossa parte.” – pessoa periférica, Diadema, homem, 40 anos, branco, motorista de aplicativo, eleitor de Bolsonaro

“Eu acho que é a falta de educação. Porque se as pessoas comessem a botar a mão na consciência, ao invés de pegar um copo e jogar no chão, jogasse no lixo.” – jovem, Osasco, mulher, 24 anos, parda, assistente de escritório, eleitora de Lula

“Cada um fazendo a sua parte, não ficar jogando lixo no chão, preservando o am-

biente que a gente mora. Começa pelo bairro e vai pra cidade, é tudo um conjunto. As indústrias que trabalham com produtos químicos, nesse ar que distribui a poluição. Então as indústrias também têm que ajudar todo mundo.” – *pessoa periférica, Osasco, mulher, 55 anos, branca, corretor de imóveis, eleitora de Bolsonaro*

Por fim, 13 pessoas, ou 23,21%, identificam agentes específicos como indústria e agronegócio como as causas, sendo 5 jovens de São Paulo, 1 pessoa periférica de São Paulo, 1 jovem de Diadema, 1 pessoa periférica de Diadema e 5 jovens de Osasco.

“Economia, interesses econômicos, a gente sabe que o agronegócio.” – *jovem, São Paulo, mulher, 23 anos, branca, estudante, eleitora de Lula*

“Nosso rio aqui é o rio Tietê. Se vocês pararem pra ver a história, a maioria das empresas que tem ali ou eram de remédios ou fábricas de tinta. Era impossível ficar no campo jogando bola porque era um cheiro insuportável de remédio jogado no rio, que não dava pra aguentar, e foi ali que a gente começou a aprender que estava sendo feito algo de errado. Que nem a foto de um cara nadando no rio Tietê, eu nunca tinha visto isso.” – *pessoa periférica, São Paulo, homem, 32 anos, preto, promotor, eleitor de Lula*

“O descarte de empresas, principalmente em relação à poluição que as empresas liberam, como na revolução industrial, vieram várias indústrias de fora pra cá. Quanto mais poluição, mais altera o clima, mais alterou aumentando o aquecimento global.” – *jovem, Diadema, mulher, 21 anos, branca, estudante, eleitora de Lula*

“As mineradoras destroem o solo para pegar os minérios, ouro, cobre, prata, bronze, mercúrio e você vê lá na Amazônia o pes-

soal destruindo. O ser humano, a ganância de querer poder. A mineradora que estourou lá em Brumadinho. Afetou rio, mar. Engloba tudo.” – *pessoa periférica, Diadema, homem, 32 anos, preto, vendedor, eleitor de Ciro Gomes/Bolsonaro*

“As empresas de gado são as que mais nos matam, prejudica muito meio ambiente por conta dos gases que o gado produz, desmatam cada vez mais pra ter mais animais e também produzem muita fumaça, muita poluição. Essas agropecuárias são uma das maiores vilãs. E a falta de incentivo da prefeitura. As pessoas não vão buscar por si só, as pessoas estão ocupadas trabalhando e acabam não se importando com isso. Pouco incentivo da prefeitura, acho que pega bastante no momento da poluição por parte das pessoas, já que elas vão jogar lixo no local incorreto.” – *jovem, Osasco, mulher, 18 anos, preta, estudante, eleitora de Lula*

“Tem que combater o desmatamento, a gente tem muita produção, um agro enorme, tecnologias enormes. A produtividade afeta o clima. Se a gente destruir menos, vai retardar isso, tem que fazer planos diretores qualitativos para poder crescer organizadamente, para não afetar muito o clima. O desmatamento está avançando, tanto na Amazônia como no Cerrado. Com a educação da população, utilizando menos carros, a gente vai ter um transporte de qualidade. Cada um faz a sua parte, é conscientização, informação, mas muita gente não quer assumir a responsabilidade.” – *pessoa periférica, Osasco, homem, 48 anos, pardo, gerente de vendas, eleitor de Simone Tebet/Lula*

Por outro lado, nos grupos do estado do Rio de Janeiro 5 pessoas não responderam. Das 53 que responderam, 39,65% do total, ou 23 pessoas, optaram por responsabilizar genericamente os seres humanos, sendo 2 jovens do Rio

de Janeiro, 2 pessoas periféricas do Rio de Janeiro, 3 jovens de Niterói, 4 pessoas periféricas de Niterói, 8 jovens de Duque de Caxias e 4 pessoas periféricas de Duque de Caxias. Outras 12 respondentes, que são 20,68% do total, indicaram eventos genéricos de todo o tipo, sendo 3 jovens do Rio de Janeiro, 2 pessoas periféricas do Rio de Janeiro, 2 jovens de Niterói, 1 pessoa periférica de Niterói, 1 jovem de Duque de Caxias e 3 pessoas periféricas de Duque de Caxias.

“Nós somos os maiores culpados. Nós estamos jogando lixo e destruindo tudo.” – jovem, Rio de Janeiro, mulher, 23 anos, branca, corretor de imóveis, eleitora de Soraya Thronicke/Bolsonaro

“O desmatamento, as construções ilegais, a queimada, a Amazônia... Eu até brinco que tenho pena dos filhos dos meus filhos, que vão chegar um tempo que não vão poder sair na rua. Não vão poder pegar sol porque vai tá queimar mesmo. Eu sou branquelo, não vou pra praia. O sol de antigamente não era o sol de agora, é totalmente diferente. Acho que daqui a uns cem, duzentos anos, se a gente continuar essas construções desenfreadas, desmatamento, tacando lixo no nos rios, fazendo queimadas, vai chegar a ponto que todo mundo vai ter que trabalhar de casa e só vai poder sair depois das 18 horas da noite.” – pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 46 anos, branco, vendedor, eleitor de Lula

“A gente produz muito gás carbônico. Estamos ferrando muito com o planeta e a mudança climática vem e potencializa. Talvez se não ferasse tanto não estaria a esse nível. Deveríamos continuar plantando, continuar reciclando, cuidando do nosso planeta. Não é extinção, dá para cuidar do nosso planeta. S preocupar em não jogar o lixo na rua, usar menos carro...” – jovem, Niterói, homem, 29 anos, pardo, supervisor comercial, eleitor de Bolsonaro

“O ser humano. Ainda que a pessoa não tenha os privilégios, todos estão impactando.” – pessoa periférica, Niterói, homem, 33 anos, branco, analista de atendimento, eleitor de Lula

“A população. Nós somos culpados. Não tem outra.” – jovem, Duque de Caxias, mulher, 29 anos, preta, auxiliar administrativa, eleitora de Simone Tebet/Lula

“A responsabilidade é nossa. Não adianta o governo ajudar se continuamos destruindo o que temos.” – pessoa periférica, Duque de Caxias, homem, 34 anos, preto, motorista de aplicativo, eleitor do Ciro Gomes/Lula

Finalmente, 18 pessoas, sendo 31% do total, identificam agentes específicos, dividindo-se em 5 jovens do Rio de Janeiro e 1 pessoa periférica do Rio de Janeiro, 4 jovens de Niterói, 5 pessoas periféricas de Niterói, 1 jovem de Duque de Caxias e 2 pessoas periféricas de Duque de Caxias.

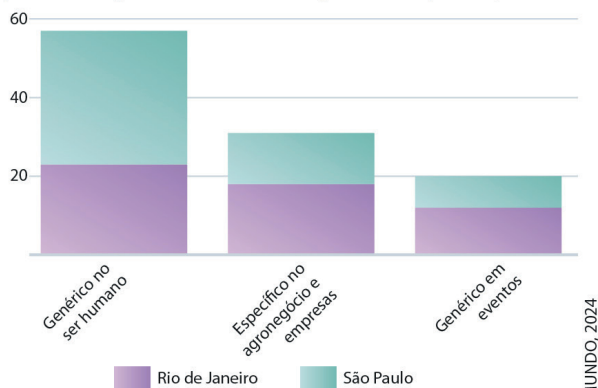
“É o capitalismo, e tudo que isso engloba: desmatamento, emissão de poluentes, produção de lixo.” – jovem, Rio de Janeiro, mulher, 27 anos, parda, tradutora, eleitora de Lula

“São causadas pelas ações humanas, representando 98% do problema. Cientistas de Oxford preveem que, em 20 anos, a temperatura da Terra aumentará em 2° C. Autoridades demoraram a tomar medidas para preservar a natureza, mas agora vemos algumas ações, como a proibição de veículos com combustíveis fósseis na Europa até 2027. No Brasil, o progresso é mais lento, mas está começando a se mover na direção certa. A conscientização sobre as consequências das mudanças climáticas está crescendo, mas é necessário agir de forma radical e imediata para garantir um futuro para nossos filhos e netos.” – pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 48 anos, branco, consultor de telefonia, votou em branco

Grafico 3

RESPONSABILIDADE PELAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Quantidade de participantes que atribuíram as responsabilidades pelas mudanças climáticas de forma genérica e específica, em 2024



Fonte: elaboração própria, com base na pesquisa OPEL-OIMC, 2024.

LABMUNDO, 2024

Percentual das respostas genéricas e específicas em relação ao total de entrevistados, em 2024



Fonte: elaboração própria, com base na pesquisa OPEL-OIMC, 2024.

LABMUNDO, 2024

“Acredito que as mudanças climáticas têm a ver com a nossa sociedade de consumo, com a nossa sociedade capitalista e conforme os países foram aumentando em população e não teve educação de sócio-ambiental. Acho temos que cuidar sim, fazer a nossa parte individual...lembro que quando era criança ouvi: “não escove os dentes com a torneira aberta, vai acabar com a água do planeta.” Depois descobri o agronegócio. O que é minha torneira aberta, em comparação com milhões de litros do agronegócio.” – *jovem, Niterói, mulher, 26 anos, preta, professora, eleitora de Bolsonaro*

“A transformação causada pelo capital, iniciada na Revolução Industrial, é devastadora. Não adianta focarmos apenas em ações individuais, como apagar a luz ou economizar água, quando a indústria e o agronegócio consomem recursos em grande escala. Precisamos de políticas locais e globais para efetuar mudanças reais. Apesar das reuniões globais sobre o meio ambiente, pouco é resolvido.” – *pessoa periférica, Niterói, mulher, 41 anos, branca, esteticista, eleitora de Bolsonaro*

“A verdadeira culpada é da indústria. Com parcela de culpa da população e com o aval do governo por falta de políticas públicas, porque são as indústrias que são as maiores responsáveis pelos gases poluentes que são emitidos. E a população, se você for fazer uma comparação com os bilionários das indústrias, não é nem um terço. Todo mundo tem culpa, mas principalmente a indústria.” – *jovem, Duque de Caxias, homem, 22 anos, branco, auxiliar administrativo, eleitor de Lula*

“A responsabilidade é principalmente das lideranças. As leis são fracas, e as empresas preferem pagar multas do que corrigir seus erros. A cultura de preservação é quase inexistente.” – *pessoa periférica, Niterói, homem, 40 anos, branco, técnico de enfermagem, eleitor de Bolsonaro*

Um diagnóstico abrangente e mais informado das responsabilidades causais pelas mudanças climáticas poderia gerar uma gama de possibilidades de ação. No entanto, haja vista o foco generalizado no “ser humano” ou em uma humanidade concebida como se todos os humanos fossem iguais entre si no consumo de energia, na produção de emissões de GEE ou na capacidade de se adaptar aos efeitos já visíveis da emergência climática, atribuir responsabilidades se torna uma tarefa bastante difícil. É aí que o predomínio das responsabilidades genéricas se relaciona com a hegemonia das saídas individuais.

2.3 A ênfase nas saídas individuais: “faço a minha parte” versus saídas coletivas

A terceira dimensão deste capítulo versa sobre a disposição para agir diante do agravamento da crise climática. O que a pesquisa mostra é uma hegemonia das propostas de ação individual em detrimento das possibilidades de ação coletiva. Todas as pessoas entrevistadas entendem que podem e devem fazer algo para enfrentar as mudanças climáticas. Algumas delas inclusive afirmam que já fazem algo. Isso aponta para um consenso similar quanto ao diagnóstico sobre a existência das mudanças climáticas, como visto no capítulo 1 deste relatório. Contudo, esse algo que pode ser feito, ou que já é feito, ou que deveria ser feito, invariavelmente, remete na maioria das vezes a ações individuais: “reciclar meu lixo”, “economizar energia” ou “fazer a minha parte”.

Nos grupos das cidades da região metropolitana de São Paulo, dentre os 56 participantes, 45 pessoas ou 80% do total afirmaram estar dispostos a saídas individuais (tais como estudar, economizar água, reciclar o lixo). Esse contingente é detalhado em 7 jovens de São Paulo, 7 pessoas periféricas de São Paulo, 7 jovens de Diadema, 9 pessoas periféricas de Diadema, 6 jovens de Osasco e 9 pessoas periféricas de Osasco.

“Estudar mais, economizar água, descartar o lixo certo, coisas pequenas fazem diferença.”
- *jovem, São Paulo, homem, 19 anos, branco, massoterapeuta, eleitor de Bolsonaro*

“A gente é uma formiguinha perto de tudo isso. Eu acho que a gente tem que fazer algumas coisas no dia a dia, por educação, separar o lixo, não jogar lixo nos rios, e orientar as crianças para fazer isso também. Porque não dá pra gente fazer uma coisa que depende dos governantes para implementar.” – *pessoa periférica, São*

Paulo, homem, 50 anos, preto, vendedor, eleitor de Simone Tebet/Lula

“Continuar fazendo o de sempre. Separar o meu lixo bonitinho. Só fazer a sua parte mesmo.” - *jovem, Diadema, homem, 25 anos, preto, auxiliar de produção, eleitor de Lula*

“Viemos sozinhos no mundo, mas tem outros seres humanos, que não são sangue, que dependem da gente. Se eu fizer, ela faz, ele todos fazemos. Eu ajudando, ajudo o meu próximo.” - *Gislaine – pessoa periférica, Diadema, mulher, 43 anos, preta, vigilante, eleitora de Lula*

“Pelas redes sociais. Um post, essas coisas, falando a situação no Brasil.” – *jovem, Osasco, homem, 18 anos, preto, desempregado, eleitor de Lula*

“Minimizar o meu impacto no meio ambiente. Deixar de andar de carro, pra andar de bicicleta, começar a cuidar mais de plantas na minha casa, reciclar o lixo de forma adequada.” – *pessoa periférica, Osasco, homem, 42 anos, pardo, analista administrativo, eleitor de Simone Tebet/Lula*

Apenas 11 pessoas ou 20% do total mencionaram ações coletivas de enfrentamento às mudanças climáticas, sendo 3 jovens de São Paulo, 2 pessoas periféricas de São Paulo, 2 jovens de Diadema, 1 pessoa periférica de Diadema e 3 jovens de Osasco.

“Conscientização. Quem entende um pouco mais passa essas informações. Ter mais campanhas do poder público sobre a questão de separar o lixo, jogar o lixo na rua.” – *jovem, São Paulo, homem, 29 anos, branco, analista de RH, eleitor de Ciro Gomes/Lula*

“Cobrar também as prefeituras. Se tiver uma organização de bairros, passa cultura para as pessoas. A importância de uma conscientização, de cada um fazer sua par-

te, começando de mim e depois cobrando deles porque a gente vota, a gente tem que cobrar.” – *peessoa periférica, São Paulo, mulher, 57 anos, parda, monitora infantil, eleitora de Lula*

“É o capitalismo. Eu concordo. Esse exemplo do carro. Se a gente for trocar um carro elétrico, é um custo maior, mas se a gente for olhar aqui uns anos, é algo que vai beneficiar. Lá em Diadema, a gente teve a troca dos ônibus e isso já tem muitos anos, agora que a gente está com uma quantidade maior e melhorou. Então, assim, eu acho que é um custo maior para fazer essa transição agora, mas a longo prazo a gente vai ter os benefícios, toda mudança. Porque acho que se a gente tivesse feito isso antes, hoje a gente não estaria do jeito que estamos.” – *jovem, Diadema, mulher, 26 anos, preta, analista administrativa, eleitora de Luiz Felipe D'avila/Lula*

“Me politizar. Buscar mais informações, passar o que eu souber passar em diante.” – *peessoa periférica, Diadema, mulher, 38 anos, branca, do lar, eleitora de Lula*

“Conscientizar as pessoas, fazer manifestações, ir para a rua, algo pacífico que as crianças possam participar e aprender juntos e já crescer sabendo dessa informação, levar para a vida.” – *jovem, Osasco, mulher, 24 anos, parda, assistente de escritório, eleitora de Lula*

Já no Rio de Janeiro, duas pessoas não responderam, uma do grupo de jovens de Niterói e outra no grupo de pessoas periféricas de Niterói. Dos 56 respondentes, 43 se propuseram a ações individuais, ou seja, 74% do total. Foram 7 jovens do Rio de Janeiro, 9 pessoas periféricas do Rio de Janeiro, 9 jovens de Duque de Caxias, 7 pessoas periféricas de Duque de Caxias, 7 jovens de Niterói e 4 pessoas periféricas de Niterói.

“A minha parte eu faço porque não jogo lixo no chão. Reciclo as minhas coisas, o meu lixo, não compro muita roupa, gosto muito de comprar em brechó. São pequenas coisas que tento mudar, sabe?” – *jovem, Rio de Janeiro, mulher, 23 anos, branca, corretor de imóveis, eleitora de Soraya Thronicke/Bolsonaro*

“Moro em apartamento e gosto muito de natureza, a varanda é quase uma mata. E economizo água. O lixo, eu vou ser bem sincera, não separo, mas o óleo eu separo e levo para a igreja porque fazem sabão, né? Não jogo o lixo na rua e estou conscientizando meu filho também.” – *peessoa periférica, Rio de Janeiro, mulher, 30 anos, branca, do lar, eleitora do Bolsonaro*

“Tudo é relativo, mas o que estiver ao meu alcance e meus limites. Porque tem coisa que não faria. Por exemplo, ir em algum lugar, como no sul. Eu não tenho psicológico para isso.” – *jovem, Niterói, mulher, 28 anos, parda, promotora de vendas, eleitora de Ciro/Lula*

“Uso de copos sustentáveis e palestras têm sido implementadas para conscientizar as pessoas sobre reciclagem e o meio ambiente. O Rock The Mountain, que eu trabalho, estão cada vez mais focados em minimizar o impacto ambiental, apesar da dificuldade em mudar a atitude de todos.” – *peessoa periférica, Niterói, mulher, 32 anos, branca, microempreendedora, eleitora de Lula.*

“Faço a minha parte, separo lixo, vidro, plástico, mas se tivesse dinheiro, faria uma ONG.” – *z* “Já uso de água de reuso para lavar a área do cachorro. Levar essa conscientização para amigos.” – *peessoa periférica, Duque de Caxias, homem, 34 anos, branco, técnico de enfermagem, eleitor de Bolsonaro*

E, por fim, 13 pessoas, que são 22,5% do total, optaram por ações coletivas, dividindo-se em

3 jovens do Rio de Janeiro, 1 jovens de Duque de Caxias, 2 pessoas periféricas de Duque de Caxias, 2 jovens de Niterói e 5 pessoas periféricas de Niterói.

“Ações coletivas, protesto é uma delas, mas cobrando do poder público também.” – jovem, Rio de Janeiro, homem, 28 anos, preto, assistente social, eleitor de Soraya Thronicke/Lula

“Embora as crianças aprendam na escola sobre não jogar lixo no chão, o mau exemplo em casa ou nas ruas anula isso. Acredito que seria útil promover palestras e pequenos projetos que envolvam as famílias, como reuniões de pais, para abordar esses temas. Isso poderia ser o começo de um impacto positivo.” – pessoa periférica, Niterói, homem, 26 anos, preto, estagiário, eleitor de Bolsonaro

“Tento reciclar e descartar o lixo corretamente, ser reciclável, orgânico, como cidadão médio comum. Mas as mudanças maiores dependem de políticas públicas e da conscientização das indústrias.” – jovem, Duque de Caxias, homem, 22 anos, branco, auxiliar administrativo, eleitor de Lula

“Continuar o que já faço, compostagem, reciclagem, economizo luz, economizo água no banho e na louça. Gostaria de criar uma cooperativa de recicladores, para artesanato, camisa de garrafa pet.” – pessoa periférica, Duque de Caxias, mulher, 50 anos, parda, contadora, eleitora de Lula

As dimensões da pesquisa apresentadas neste capítulo mostram uma hegemonia de concepções individualistas e de um sentimento pessimista que, em conjunto com as responsabilizações genéricas, levam a uma paralisia e a um sentimento de impotência diante do agravamento das mudanças climáticas. Entretanto, na sequência deste relatório apresentaremos outras dimensões que apareceram com força

durante os grupos focais e que têm um enorme potencial de mobilização e engajamento, tais como a confiança nos cientistas e as demandas por políticas públicas ambientais, principalmente no campo da educação.

3 VALORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E DAS POLÍTICAS EDUCATIVAS

Dois dimensões mencionadas por várias das pessoas entrevistadas abrem oportunidades à mobilização social no plano local, com forte potencial de engajamento político em torno da emergência climática e suas interrelações com a democracia, as políticas públicas e os modelos de desenvolvimento: a valorização da ciência, de um lado, e o papel da educação formal e não-formal, de outro. As pessoas entrevistadas nos grupos focais, em geral, apontaram para a relevância dos cientistas na construção de um entendimento rigoroso e isento sobre as mudanças climáticas. Chamaram a atenção para a necessidade de se produzirem informações que tenham integridade no vasto mundo paralelo das redes sociais em que circulam muitas campanhas de desinformação ambiental e fake news tentando descredibilizar a natureza antropogênica e fóssil da crise climática.

“Acredito na Ciência, mas, às vezes, as pessoas têm um pouco de desconfiança. Acham que exageram. Lá no Sul, em 2013, já existia um estudo que poderia ser uma catástrofe por conta de enchentes. Entrou governo, saiu governo, nada foi feito. Se tivessem confiado um pouquinho, teria sido diferente.” – pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 33 anos, preto, produtor de eventos, eleitor de Bolsonaro

“É o meio mais confiável, o TikTok não é tão confiável. Muitas informações dos cientistas vêm pelas redes sociais. Tem uma página que eu assinei e recebo no meu e-mail.” – *jovem, Rio de Janeiro, mulher, 23 anos, branca, corretor de imóveis, eleitora de Soraya Thronicke/Bolsonaro*

“Eles são estudiosos do assunto. É neles que temos que acreditar, né? Eles estão antenados nas mudanças climáticas há anos. Já passaram-se trinta e poucos anos da ECO 92. A Amazônia continua pegando fogo, continua abrindo áreas gigantesca na camada de ozônio. Eu acredito muito neles.” – *pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 46 anos, branco, vendedor, eleitor de Lula*

“Quando estamos falando de cientista, não é do WhatsApp, na televisão, nada disso. O google acadêmico, por exemplo, tem coisas de fato de cientistas, não em rede social.” – *jovem, Niterói, homem, 25 anos, branco, garçom, eleitor de Bolsonaro*

“Acredito sim. Tem cientistas que são obrigados a falar coisas por conta do trabalho, mas tem milhares de outros que mostram, comprovam os fatos. Cientista é uma profissão bem admirável porque a pessoa, literalmente, trabalha com o mundo. A vida dela, 24h é estar estudando para desenvolver algum fato, para tirar algum mistério, alguma dúvida, está sempre ajudando.” – *jovem, São Paulo, homem, 19 anos, branco, massoterapeuta, eleitor de Bolsonaro*

“Eu acredito firmemente na ciência. Eu acho que a ciência existe para explicar o que realmente está acontecendo. Então, eu acredito firmemente na ciência.” – *jovem, São Paulo, homem, 24 anos, preto, atendente de restaurante, eleitor de Lula*

3.1 Confiança na ciência e nos cientistas

Em relação ao papel dos cientistas e pesquisadores sobre as mudanças climáticas, muitos afirmaram ter confiança na ciência. Nos grupos do Rio 56 pessoas afirmaram confiar nos cientistas, enquanto 52 fizeram o mesmo em São Paulo, o que representa aproximadamente 95% do total.

Por exemplo, no grupo de jovens do Rio, todos admitiram confiar nos cientistas quando buscam informações sobre a crise climática, mas chamam a atenção para a necessidade de se “traduzirem” os conhecimentos frequentemente redigidos em estilo estritamente acadêmico a outras linguagens que sejam mais acessíveis à população. No caso do grupo de habitantes da periferia urbana do Rio de Janeiro, todas as pessoas afirmaram confiar na ciência, salvo uma respondente.

“Tenho bastante amigas cientistas, incluindo uma amiga que é mestra em biologia. Vejo o quanto essas pessoas se dedicam e estudam para ter propriedade no que falam. Quando vejo uma cientista falando, isso me dá mais credibilidade. Se é uma pessoa aleatória no TikTok, não vou acreditar.” – *jovem, Rio de Janeiro, mulher, 25 anos, branca, trainee de engenharia, eleitora de Lula*

“Acredito muito. É através da ciência que podemos melhorar muita coisa, né? Tanto na saúde, quanto na tecnologia. Eles são apartidários. Não consigo me lembrar de um cientista ligado a uma política, a ligado a um partido político, onde ele possa ser influenciado. Se vê vários cientistas na área de saúde tentando descobrir há anos, a cura para o câncer, a questão do Covid... não acabaram de vez com a AIDS, mas hoje uma pessoa com HIV consegue ter uma vida normal. Tudo isso é através da ciência.” – *pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 54 anos, pardo, corretor de imóveis, eleitor de Lula*

“Hoje todo mundo é cientista. Se for cientista, cientista mesmo, comprovado, tudo bem. Não confio no jornalismo brasileiro. Televisão, G1, essas coisas, não assisto TV faz oito anos. Me informo por Instagram e TikTok. Minha mãe vê televisão o dia inteiro e não confio que a TV traga 100% da informação que preciso saber. Às vezes, a pessoa que fala que é alguma coisa, não é nada, é melhor se informar por um blogueiro, um influenciador digital, que está no meio da água resgatando pessoas, no RS, do que ver um jornal. Se for cientista renomado, tiver pesquisas embasadas, tudo bem. Se não, não.” – *jovem, Niterói, mulher, 28 anos, parda, promotora de vendas, eleitora de Ciro/Lula*

“Minha prima é ambientalista, acredito bastante nela, sigo pessoas de vários nichos, inclusive uma cientista que fala descontraída. O termo científico é difícil de entender. Procuo quem fale de forma fácil.” – *jovem, Rio de Janeiro, mulher, 25 anos, preta, auxiliar de serviços gerais, eleitora de Bolsonaro*

“Mas muitas vezes esses cientistas estão no YouTube, não é uma coisa muito difícil de se procurar. Tem vários podcasts que chamam cientistas renomados para falar sobre o assunto.” – *jovem, Niterói, mulher, 29 anos, branca, microempreendedora, eleitora do Lula*

“Confio 100% na ciência. Acredito que o negacionismo e o deboche em relação aos cientistas têm contribuído para os impactos ambientais. Por anos, cientistas vêm alertando sobre os danos ao meio ambiente, mas muitos continuam desacreditando suas pesquisas e tratando suas advertências como exagero ou invenção. Agora, estamos enfrentando as consequências desses alertas ignorados.” – *pessoa periférica, Niterói, homem, 37 anos, pardo, produtos de eventos, eleitor de Ciro Gomes/Lula*

“Acredito e respeito muito essa profissão. Diferente de outras áreas, a ciência não é tão vista com maus olhos, e as pessoas cobram bastante respostas. Além de sabedoria, precisam de forte preparo psicológico. Acredito porque é baseada em estudos rigorosos para fornecer respostas para a sociedade.” – *pessoa periférica, Niterói, homem, 26 anos, preto, estagiário, eleitor de Bolsonaro*

“Em artigos científicos, confio, se é um artigo científico é confiável. Para você publicar um artigo científico é extremamente difícil. Você faz um TCC, que para publicar vai ter que passar por uma banca inteira. Quando vejo o artigo científico, confio porque sei tudo o que tem atrás dele.” – *pessoas periférica, São Paulo, mulher, 40 anos, branca, enfermeira, eleitora de Lula*

“Porque não confiar no cientista se tudo que nós temos hoje foi alguém que inventou. Ele é um cientista, ele pesquisou pra fazer algum trabalho específico ou pra achar alguma vacina, alguma coisa que seja. Existe o caráter do contratante, ele é o funcionário, “olha eu estou de contratando para você desenvolver uma garrafa inquebrável” e ele vai pesquisar, ele vai fazer, vai desenvolver. Confiar no cientista, confiamos, ele vai fazer alguma coisa para melhorar, com certeza.” – *pessoa periférica, Osasco, homem, 42 anos, pardo, analista administrativo, eleitor de Simone Tebet/Lula*

“Eu também acredito nos cientistas até que prove o contrário. Eles têm a fonte, não vão ficar passando uma coisa que não seja verdadeira. Eles têm informação, sabem o que estão fazendo.” – *pessoa periférica, Osasco, mulher, 55 anos, branca, corretor de imóveis, eleitora de Bolsonaro*

No grupo de jovens em Diadema, produziu-se um diálogo não antecipado bastante interessante. Logo após um respondente ter afirmado “Vi uma frase que falava: para cada catástrofe, havia

por trás um cientista maluco”, outra reagiu: “Não, um cientista que foi ignorado”. Já no grupo de jovens em Duque de Caxias, todas as pessoas, salvo uma, afirmaram confiar na ciência.

“Acredito sim e não. Tem coisas que fico meio na dúvida. Tem que tomar mil vacinas, não sei o que. Fico com um pé atrás. Mas em relação a mudança climática, acredito, bate muito tudo o que eles falam.” – jovem, Duque de Caxias, mulher, 29 anos, preta, designer de sobancelhas, eleitora de Bolsonaro

“Confio, acredito. Estamos vivendo a prova de que muita coisa era verdade, e não acreditaram. Eles estudaram para isso, têm informação. Eles não são videntes, é uma previsão. Mas estudaram para isso, temos que confiar e acreditar sim.” – jovem, Duque de Caxias, mulher, 29 anos, preta, auxiliar administrativa, eleitora de Simone Tebet/Lula

“As notícias refletem a realidade, mas muitas pessoas se distraem com o virtual e entretenimento.” – jovem, Duque de Caxias, homem, 23 anos, preto, promotor de eventos, eleitor do Lula

“Confio no trabalho dos cientistas, pois eles estudaram muito para adquirir conhecimento.” – pessoa periférica, Duque de Caxias, mulher, 21 anos, parda, assistente social, eleitora de Bolsonaro

Enquanto isso, no grupo de jovens em Osasco, as pessoas entrevistadas demonstraram mais desconfiança, aspecto este que chamou a atenção ao longo da pesquisa, por ser o único caso entre os 12 grupos focais em que a ciência foi apresentada de modo mais negativo e com pouca credibilidade.

“É meio duvidoso. O que move o mundo é o dinheiro. Então, eu confio desconfiando. Sempre com o pé atrás. Porque o dinheiro

que move o mundo.” – jovem, Osasco, mulher, 24 anos, parda, assistente de escritório, eleitora do Lula

“Eu confio, sem dúvidas, mas eu não confio em qualquer informação que chegue em mim.” – jovem, Osasco, homem, 27 anos, branco, coordenador de logística, eleitor de Lula

“Confio, mas a gente confia desconfiando, tudo vai depender de como a gente vai pesquisar ainda mais. O cientista pode fazer uma pesquisa totalmente elaborada, mas existe manipulação de pesquisa. Sempre vai ter um cientista para falar uma coisa e um para falar outra. Eu fui vegetariana por três anos, e enquanto vegetariana eu li diversos artigos falando sobre os malefícios da carne. Mas vão ter artigos que vão falar, “não, a carne faz muito bem para a saúde”. – jovem, Osasco, mulher, 18 anos, preta, estudante, eleitora de Lula

“Tudo que é acadêmico tem alguém patrocinando por trás. E a gente tem que saber o que essa pessoa quer. Além disso, parece que o que o cara está falando é verdade, escuta e aceita.” – jovem, Osasco, homem, 18 anos, preto, desempregado, eleitor de Lula

3.2 A busca por informações e o papel das redes sociais

Outro aspecto relevante em relação ao papel da ciência na construção da temática climática diz respeito ao papel das redes sociais. Muitos respondentes chamaram a atenção para o papel das redes sociais como fonte de informação. Além de se considerarem, em sua maioria, bastante bem informadas, as pessoas mencionaram a abundância de dados e alertaram para o fato de que, na percepção de algumas pessoas, não há alarmismo, mas sim muitas dimensões ocultas da crise climática. Ao invés de acharem que exista alarmismo, muitas das pessoas en-

trevistadas consideram que o problema é sério e carece de ações concretas. No caso de Niterói, o grupo de jovens em sua maioria não é bem informado, mas muitas pessoas do grupo lembraram que se informam pela Internet.

“Me considero bem-informada. Sempre leio jornais ou acompanho as redes sociais. Gosto muito do Twitter porque lá encontro vários pontos de vista, é muito diferente do que é veiculado na mídia tradicional. Gosto de pegar a informação, formar minha opinião e entender melhor.” - jovem, Rio de Janeiro, mulher, 27 anos, parda, tradutora, eleitora de Lula

“Estão retratando o que está acontecendo. Não tem nada de exagero. É maciço.” - pessoa periférica, Niterói, homem, 37 anos, pardo, produtos de eventos, eleitor de Ciro Gomes/Lula

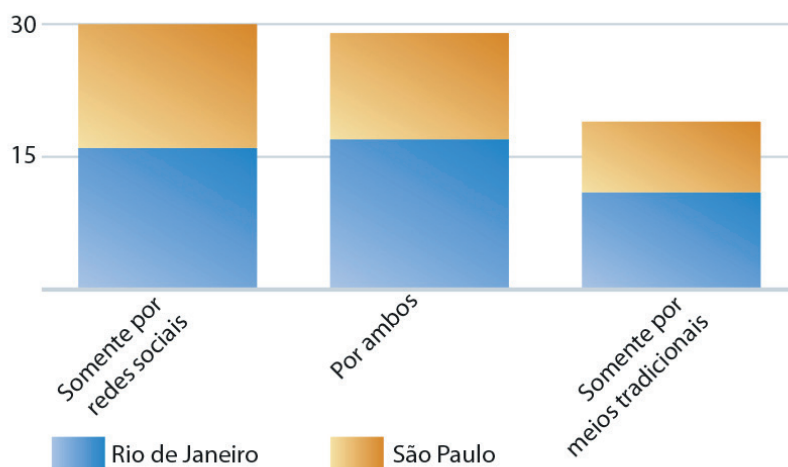
“Vejo pela internet, mas a maior parte das coisas que sei sobre mudanças climáticas é no podcast Angu de Grilo, da Flávia Oliveira com Isabela Reis. Tem toda terça-feira, e elas fazem um compilado de notícias da semana. As maiores notícias eu escuto, às vezes deixo de ver televisão. E todas as terças-feiras eu estou lá informada. Elas estavam cobrindo o que aconteceu no Rio Grande do Sul. Várias notícias climáticas porque são coisa que impactam o racismo ecológico, como são duas mulheres negras falando.” - jovem, Niterói, mulher, 26 anos, preta, professora, eleitora de Bolsonaro

“Não é exagero, pelo contrário, a mídia passa a informação que é benéfica até certo ponto. Vai mostrar sobre o desenvolvimento sustentável, o problema no RGS, pro pessoal começar a pensar nisso, mas não mostra o mal que o agro causa. Acho que a mídia acaba mostrando, mas até onde

Grafico 4

COMO AS PESSOAS SE INFORMAM

Participantes que se informam por redes sociais, meios tradicionais* ou por ambos, em 2024



*Meios tradicionais incluem: televisão, jornais, palestras em universidades, livros, artigos, entre outros.

Fonte: elaboração própria, com base na pesquisa OPEL-OIMC, 2024.

LABMUNDO, 2024

que lhe convém.” – *jovem, Niterói, homem, 27 anos, branco, cientista social, eleitor de Simone Tebet/Lula*

“Eu acho que fico sabendo mais pelas redes sociais. Instagram, Facebook, Twitter, jornal. Eu procuro ver mais o Fantástico, engloba tudo.” – *pessoa periférica, Diadema, homem, 40 anos, branco, motorista de aplicativo, eleitor de Bolsonaro*

“Eu acredito no estudo do cientista porque eu acredito que se não tivesse esses estudos muita coisa não ia ter. Tudo vem dos estudos dos cientistas. Eu confio.” – *pessoa periférica, Diadema, mulher, 38 anos, branca, do lar, eleitora de Lula*

“Eu não sigo fake news porque se é um tema que acho importante, vou procurando. Não assisto o TV porque pra mim não faz muito sentido. Vejo muito no Instagram, sigo fontes que acredito e que por mais que eu tenha o meu ponto, a minha posição política, que sejam mais centradas, leio a Forbes, Globo, Exame, Intercept. Pra mim, a falta de conscientização é da minha parte, mas acho que o governo poderia fazer um trabalho melhor.” – *pessoa periférica, Osasco, mulher, 30 anos, preta, analista de qualidade, eleitora de Lula*

“Eu acho que está mostrando a verdade da urgência.” – *pessoa periférica, Osasco, homem, 30 anos, preto, contador, eleitor de Bolsonaro*

3.3 Políticas educacionais e a construção de materiais didáticos

Ao mesmo tempo, a fala de muitas pessoas entrevistadas aponta para a necessidade de tradução do conhecimento científico, podendo estar vinculada a estratégias de educação climática e difusão de conhecimento científico por meio de capacitações abertas a organizações da socie-

dade civil e a lideranças comunitárias. Entre as possíveis ações na comunidade, a educação formal e não formal foi salientada como uma ferramenta importante de ação política e social.

“Educação é essencial. Quando era criança, tive educação ambiental através de um projeto social na Ilha, e isso foi muito importante. Aprendi a me preocupar com o lixo, com a água e com o meio ambiente. Educação sobre o que realmente está acontecendo é fundamental. Na internet, as pessoas estão muito polarizadas e, às vezes, não acreditam nos fatos, o que acho um absurdo. A educação pode ajudar a criar uma confluência de ideias e a conscientizar sobre a importância dessas questões.” – *jovem, Rio de Janeiro, mulher, 27 anos, parda, tradutora, eleitora de Lula*

“Acredito muito na educação. Lembro da minha escola, onde separávamos o lixo. Sempre achei um absurdo ver alguém jogando lixo na rua. Acho que é questão de informação. Meus pais e avós acreditam muito no que veem no jornal e acham que o resto é fake news. Acredito na geração que está crescendo. As escolas precisam focar em políticas que realmente proporcionem acesso a informações sobre o que está acontecendo. Precisamos de uma educação que realmente olhe para essas questões.” – *jovem, Rio de Janeiro, mulher, 25 anos, preta, auxiliar de serviços gerais, eleitora de Bolsonaro*

“Eu consigo falar de mudanças climáticas porque a gente estudou no novo Ensino Médio. A gente não sabe mais cuidar do planeta, está tendo essas mudanças climáticas, veio o El Nino, El Nina, esses fenômenos, o calor extremo, vai vir um inverno que vai matar. O aquecimento global está derretendo calotas polares, é a mesma coisa que a gente escuta há anos. Mas eles também estão mostrando isso porque está chegando 2030. A agenda 2030 são as 17

ODS para melhorar o mundo. Está chegando 2030, a gente não conseguiu nem 1 por cento do que estava prometido.” – *jovem, São Paulo, mulher, 18 anos, branca, estudante, eleitora de Bolsonaro*

“Deveria ser ensinado nas escolas. Quando você cresce, fica mais natural fazer o certo.” – *jovem, São Paulo, mulher, 18 anos, parda, estudante, eleitora de Simone Tebet/Lula*

“Eu acho que é a falta de educação. Porque se as pessoas comessem a botar a mão na consciência, ao invés de pegar um copo e jogar no chão, jogasse no lixo.” – *jovem, Osasco, mulher, 24 anos, parda, assistente de escritório, eleitora de Lula*

Em algumas falas podemos inclusive antever problemáticas que deveriam integrar módulos de capacitação e materiais didáticos e educativos a serem desenvolvidos, a exemplo da ansiedade ecológica e das relações entre religião e ciência no debate contemporâneo sobre a emergência climática.

“Não procuro saber de nada porque senão fico louco. Me sinto um pouco inútil, não posso fazer nada. As coisas no RS, queria tanto ajudar, mas não consigo, o máximo é enviar roupa, queria fazer mais. A gente não tem TV. No WhatsApp, a gente acompanha folha de SP, OUL de vez em quando, mas eu evito para não acabar com o psicológico, mais do que já está destruído.” – *jovem, São Paulo, homem, 24 anos, preto, atendente de restaurante, eleitor de Lula*

“Eu não acompanho muito, só o pessoal falando. Sou cristão, minha maior fonte é a Bíblia e nela está escrito que o calor ia aumentar, que ia ter terremoto, maremoto,

tsunami. Não é novidade. Há dois mil anos atrás já estavam falando. O pessoal vai começar a se preocupar agora.” – *jovem, São Paulo, homem, 19 anos, branco, jogador de futebol, eleitor de Bolsonaro*

“Eu acredito nos dois. A minha família é muito cristã. Tudo em relação à Bíblia, o que vai acontecer, o que já aconteceu. Vou pela Bíblia. Mas, se o cara estudou, provou, eu acredito.” – *jovem, São Paulo, mulher, 18 anos, parda, estudante, eleitora de Simone Tebet/Lula*

Como ressalta Elza Neffa em um dos Cadernos do OIMC recentemente publicado, na definição de diretrizes para uma educação ambiental climática, é fundamental educar com base no pensamento complexo a fim de tentar alcançar um saber não fragmentado. Por exemplo, lembra a professora integrante do Núcleo Estratégico do OIMC, “no Brasil, a maioria das pessoas tem dificuldade de compreender que são parte integrada da natureza e não meros observadores dela. Não consegue perceber que, das práticas destrutivas de solos, florestas e mananciais de águas da região Amazônica resulta a desertificação do Nordeste, por exemplo, por não relacionar a seca e a escassez de água com a insuficiência de políticas protecionistas de florestas. Tem dificuldade de fazer conexões entre as formas convencionais de exploração da Amazônia e seus consequentes desmatamentos e incêndios florestais (provenientes de mineração, pecuária extensiva e agricultura de grãos) com a não demarcação dos territórios dos povos das florestas, detentores do conhecimento da natureza, e com os desabamentos das encostas com mortes de centenas de pessoas em muitos e repetidos episódios anuais de fortes chuvas e enchentes nas regiões Sudeste e Sul do Brasil” (NEFFA, 20245, p. 11).

5 NEFFA, Elza. Diretrizes do OIMC para a Educação Ambiental Climática. Rio de Janeiro. Cadernos do OIMC, 2024. ISSN: 2764-1120.

4 AÇÃO POLÍTICA E PAPEL DO GOVERNO

Este capítulo aborda as percepções sobre o papel do governo no enfrentamento das mudanças climáticas, explorando as tensões entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental, bem como as expectativas da população em relação às políticas públicas. Na primeira seção, discutimos a relação entre crescimento econômico e meio ambiente. Na segunda seção, examinamos a percepção dos grupos sobre os governos em geral. Por fim, a terceira parte do capítulo analisa a visão sobre as prefeituras e as políticas públicas que os entrevistados acreditam ser essenciais para enfrentar as consequências das mudanças climáticas em seus territórios.

4.1 Desenvolvimento versus proteção ao meio ambiente

A dicotomia entre desenvolvimento econômico e proteção ao meio ambiente revela um impasse estrutural entre políticas efetivas no combate às mudanças climáticas e a visão predominante de progresso econômico, para alguns humanos, a qualquer custo, principalmente em detrimento de outros humanos. Em nome do desenvolvimento, grandes setores econômicos avançam sobre territórios, aumentando emissões de GEE e degradando ecossistemas, em nome da promessa de progresso social e econômico. Ao mesmo tempo, a proteção ambiental retoricamente construída como se fosse antagônica aos direitos sociais e, frequentemente, é tratada como uma barreira ao crescimento.

Esse embate se materializa não apenas na falta de políticas públicas sobre o tema, mas também na prevalência de um modelo econômico que prioriza o lucro imediato de alguns sobre o bem-estar a longo prazo da maioria, perpetuando desigualdades socioeconômicas, de gênero e raça e, assim, ampliando os impactos climáti-

cos. A ausência de uma responsabilização efetiva dos setores que mais contribuem para as mudanças climáticas, como a indústria petroquímica e o agronegócio, reforça essa dinâmica, evidenciando a influência do poder econômico sobre as decisões políticas e a fragilidade das políticas socioambientais frente ao avanço de interesses privados.

“Proteger o meio ambiente pode resultar em um crescimento econômico mais lento, mas é essencial para garantir um futuro sustentável. A busca por lucro rápido, característica da nossa sociedade, pode comprometer o meio ambiente a longo prazo, tornando insustentável o próprio desenvolvimento econômico no futuro. A próximas gerações que vão sofrer.” - pessoa periférica, Niterói, mulher, 32 anos, branca, microempreendedora, eleitora de Lula.

“Como vai ter crescimento econômico sem cuidar do planeta?” - jovem, São Paulo, homem, 29 anos, branco, analista de RH, eleitor de Ciro Gomes/Lula

Interessante notar que, entre as 114 pessoas entrevistadas, 44 delas (38,60% do total) expressaram que proteger o meio ambiente pode ser conciliado com o crescimento econômico. Elas demonstraram uma visão de que o desenvolvimento econômico não precisa ocorrer em detrimento do meio ambiente, acreditando que práticas sustentáveis podem, de fato, favorecer a economia no longo prazo.

“É possível, só que é mais trabalhoso! As pessoas não têm consciência do crescimento. Eu tenho a impressão que não existe um planejamento para isso. Geralmente quem faz pensa muito no lucro, né? É aquele negócio, vou viver mais 40 anos, quem vai vir depois que se vire. Acho que ninguém pensa nisso, em quem vai vir depois, só pensa no agora.” - pessoa periférica, Rio de Janeiro, mulher, 40 anos, parda, microempreendedora, eleitora de Bolsonaro

“O crescimento econômico e proteção do meio ambiente estão ligados, mas em conflito. Crescimento implica em transformação, o que geralmente significa remover vegetação e biomas para dar lugar a cimento e desenvolvimento. No Brasil, ainda estamos muito focados na produção primária, como na época colonial, com um grande foco na agricultura e exportação de commodities. Se continuarmos nessa direção, o crescimento econômico sempre implicará em transformar e desmatar o meio ambiente.” – *pessoa periférica, Niterói, mulher, 41 anos, branca, esteticista, eleitora de Bolsonaro*

“Quem tem muito poder, muito dinheiro não pensa no meio ambiente, e quem tem muito menos, também não vai pensar. A pessoa está pensando no dinheiro que vai ter no mês seguinte, não tá pensando a longo prazo. É possível ter um desenvolvimento, um crescimento protegendo o meio ambiente. Só não estamos focados nisso. O ponto não é proteger, é produzir a qualquer custo.” – *jovem, Niterói, homem, 21 anos, branco, estudante, eleitor de Bolsonaro*

No Rio de Janeiro, 27 pessoas expressaram que é possível conciliar a proteção ao meio ambiente com o crescimento econômico e que essa proteção pode favorecer o desenvolvimento. Dentre essas, 6 eram jovens do Rio de Janeiro; 5 eram pessoas periféricas do Rio de Janeiro; 6 jovens de Niterói; 3 moradores das periferias de Niterói; 4 jovens de Duque de Caxias; e 3 pessoas periféricas do Duque de Caxias. No entanto, é importante destacar que esse olhar foi mais voltado para uma perspectiva de Environmental, Social, and Governance (ESG), cujo foco está na responsabilidade social e ambiental das empresas como um diferencial de mercado, do que na atribuição de responsabilidade direta (e, portanto, de sanção) aos principais atores econômicos que têm grande impacto nas mudanças climáticas. A percepção, portanto, aponta para uma visão de eficiência econômica, em vez

de uma crítica contundente ao papel das grandes corporações na crise climática.

“O desenvolvimento sustentável tá aí. Tem como trabalhar, produzir e vender de modo sustentável, nem sempre é mais lucrativo o caminho mais fácil, mas é o caminho que vai ser mais rápido de arrumar. Mas é possível ter crescimento econômico protegendo o meio ambiente ao mesmo tempo.” – *jovem, Niterói, homem, 27 anos, branco, cientista social, eleitor de Simone Tebet/Lula*

“Vivemos numa era de empreendedorismo, mas falta ensinar sobre sustentabilidade. A prioridade é enriquecer sem se importar com o impacto ambiental. Em Caxias, onde há muitas indústrias, a relação entre políticos e empresários faz com que a proteção ambiental seja ignorada.” - *jovem, Duque de Caxias, homem, 22 anos, branco, vendedor, eleitor de Bolsonaro*

“Somos muito imediatistas. O governo, com um mandato de apenas quatro anos, muitas vezes sacrifica o meio ambiente em busca de resultados rápidos, trazendo indústrias para o município sem pensar nas consequências a longo prazo. Daqui há 15 anos, outro governo que se vire. O pensamento é esse.” - *pessoa periférica, Niterói, homem, 40 anos, branco, técnico de enfermagem, eleitor de Bolsonaro*

Em São Paulo, 17 pessoas compartilham dessa visão. No grupo da capital paulista, foram registrados 7 participantes entre os jovens, enquanto no grupo da periferia, houve apenas 1 argumentando que o crescimento econômico depende fundamentalmente de um meio ambiente saudável e bem preservado. Em Diadema, na periferia, 3 pessoas concordaram, enquanto em Osasco, foram 4 jovens e 2 participantes da periferia.

“Todo mundo precisa comer, a gente desmata para produzir mais alimentos. Só

que sem chuva, não adianta ter desmatado tudo, pode ter toda a área do Brasil para plantação, não vai plantar nada num deserto. Existe um equilíbrio. Não dá para esquecer a questão ambiental em nome da economia, a economia depende da natureza. Cada vez que a gente consegue ver um progresso, supostamente, dá essa percepção de “tá bom, então a gente destrói tudo em nome da economia”.” – *jovem, São Paulo, mulher, 23 anos, branca, estudante, eleitora de Lula*

“Deveria caminhar juntos, mas não é o que acontece. A ganância é muito grande. Quando entra dinheiro, só quer ver mais dinheiro, então acaba invadindo as áreas que são do meio ambiente. Para o crescimento econômico acontecer, a indústria invade o espaço do meio ambiente.” - *jovem, Osasco, homem, 20 anos, branco, auxiliar administrativo, eleitor de Bolsonaro*

“Não quero abrir mão da minha mesa, do meu guardanapo, do conforto que eu tenho hoje. Quando você for fazer isso, você para de produzir, você para a economia. Você causa desemprego. Até hoje não tenho uma resposta para isso, uma solução. Porque sim, temos que salvar a natureza, só que ao mesmo tempo, nós parando com isso daqui (garrafa de plástico), não resolvemos esse problema, com o aumento da população. Uma conspiração que todo mundo fala, mas não sei até onde isso é verdade, é de se pensar a Covid, dengue, guerras como estratégia que o governo tem, que nunca vai admitir, para diminuir a população e resolver esses problemas. Não estou falando que isso é verdade. Isso é teoria da conspiração. Mas será que não tem um pouco de verdade? Dá para confiar 100% nas tomadas de decisões que nossos governantes têm?” - *pessoa periférica, Osasco, homem, 42 anos, pardo, analista administrativo, eleitor de Simone Tebet/Lula*

Alguns questionamentos importantes emergem dessas discussões analisadas neste capítulo, por exemplo, o reconhecimento de que o atual modelo de desenvolvimento econômico frequentemente causa danos significativos ao meio ambiente. Dos participantes, 37 reconheceram esses danos, expressando preocupações sobre as consequências para a sociedade e o meio ambiente. Ademais, 25 entrevistados/as destacaram que certas empresas que operam sob práticas insustentáveis devem ter seus interesses econômicos prejudicados pela proteção ao meio ambiente. Por fim, 11 dos entrevistados criticaram diretamente o capitalismo, afirmando que ele é incompatível com a preservação ambiental, sugerindo que as bases do sistema econômico atual dificultam qualquer tentativa de conciliar crescimento econômico com práticas sustentáveis.

“O que vai mover, querendo ou não, é o dinheiro. Então, dificulta o crescimento econômico porque eu acho que o ser humano procura tudo mais fácil, o que vai te trazer o retorno de imediato. Então, muitas vezes o meio ambiente é deixado para trás por conta do capitalismo.” - *jovem, Diadema, mulher, 21 anos, branca, estudante, eleitora de Lula*

“É um consumo desenfreado e a gente pode reduzir um pouco o consumo. E tem o uso de espaços desmatados para agronegócios. A gente vive o progresso pelo progresso. Algumas coisas, sim, precisaram ser feitas, outras são desnecessárias. O carro facilita a nossa vida. Todo mundo reclama do capitalismo e do desenvolvimento, mas ninguém quer morar na roça, andar a pé, ficar sempre em casa. Mas uma coisa é ter necessidades básicas, outra coisa é você ter a produção de coisas que não tem necessidade. Tivemos esse grande boom de crescimento, desenvolvimento, a criação de muita máquina, de coisas que nos levaram ao progresso. Conseguimos desenvolver. E estamos aprimorando mais. Só que o superfluo é o que está exagerando, estamos

consumindo coisas desnecessárias.” – jovem, Niterói, homem, 24 anos, pardo, cozinheiro, eleitor de Lula

A discussão sobre a tensão entre economia e natureza, amplamente reconhecida entre os participantes, expõe a percepção das pessoas sobre os limites do atual modelo político e econômico, mais orientados ao progresso econômico imediato e menos à qualidade de vida e à habitabilidade no longo prazo. Esse modelo ignora a urgência de uma abordagem onde o desenvolvimento e o enfrentamento às mudanças climáticas não sejam vistos como opostos, mas como dinâmicas dialeticamente conectadas.

4.2 Crítica aos governos

Nesta seção, o foco é o sentimento das pessoas em relação ao papel dos governos na redução das causas das mudanças climáticas e na proposta de ações. Os grupos expressaram majoritariamente uma insatisfação em relação às ações dos governantes para combater a crise climática. É sintomático que, em todos os grupos e sem que o roteiro apresentasse perguntas específicas sobre isso, nenhum participante tenha elogiado ações governamentais na área; ademais, quem se manifestou espontaneamente o fez foi para criticar.

Nos grupos de São Paulo, 14 pessoas ou 25% do total entendem que a postura dos governos é negativa, sendo 2 jovens de São Paulo, 3 jovens de Diadema, 2 pessoas periféricas de Diadema, 4 jovens de Osasco e 3 pessoas periféricas de Osasco. Nos grupos do Rio de Janeiro, 12 pessoas apresentaram a visão negativa, sendo 21% do total, dividindo-se em 5 jovens do Rio de Janeiro, 1 pessoa periférica do Rio de Janeiro, 2 jovens de Duque de Caxias, 3 pessoas periféricas de Duque de Caxias e 1 pessoa periférica de Niterói.

As medidas sugeridas são frequentemente percebidas como inadequadas, tanto em alcance quanto em efetividade, falhando em atender de modo adequado os grupos vulneráveis mais

fortemente impactados pelos efeitos das mudanças climáticas.

“Por que no centro eles investiram um dinheiro do governo para arborizar um espaço, só que em locais mais distantes, como na periferia, não investem? O carro elétrico. As únicas pessoas que têm realmente o dinheiro para ter um carro elétrico, para gastar esse dinheiro com bateria para carregar, é elitizado. Hoje em dia você não vê uma pessoa de classe média com um carro elétrico. Então, para você ter o meio ambiente, você acaba gastando dinheiro, só que apenas alguns pontos, só elite consegue usufruir.” – jovem, Diadema, mulher, 18 anos, branca, monitora de hotel, eleitora de Bolsonaro

Essa percepção se deve, em parte, à falta de políticas públicas que reconheçam a diversidade e a especificidade das necessidades de cada grupo social afetado. Comunidades geográfica e socialmente marginalizadas por questões de raça, classe, gênero enfrentam as consequências mais severas e prolongadas dos eventos climáticos extremos; no entanto, as soluções apresentadas costumam ser generalistas, carecendo de um enfoque interseccional que leve em conta essas disparidades estruturais. Além disso, os grupos mais afetados participam muito pouco dos espaços de tomadas de decisão e as políticas públicas costumam ser interpretadas como medidas paliativas que não resolvem o problema na raiz.

“Agora tem essa onda de carro elétrico. Como é o descarte dessas baterias? O estrago que vai fazer futuramente.” – pessoa periférica, Diadema, homem, 44 anos, pardo, ajudante de mercearia, eleitor de Bolsonaro

“Nessa questão dos carros elétricos vai piorar mais porque a bateria dura 5 anos. Vão jogar aonde essa bateria? Num país pobre.” – pessoa periférica, Diadema, homem, 40 anos, branco, motorista de aplicativo, eleitor de Bolsonaro

“Todo mundo gosta do celular, televisão, só que isso explora cada vez mais o recurso natural do planeta e causa o que nós estamos vivendo. Os carros elétricos, essas baterias quando for descartada, elas têm vida útil, para onde vai? E para fazer mais? Até para poder melhorar, eles acabam explorando mais a natureza.” – *pessoa periférica, Osasco, homem, 42 anos, pardo, analista administrativo, eleitor de Simone Tebet/Lula*

“E que as soluções sejam acessíveis. O carro elétrico, não é todo mundo que tem acesso. Energia Solar é muito caro. Entre pagar cartão e comer, entre energia solar e comer, vou comer. Não é pra todo mundo!” – *pessoa periférica, Rio de Janeiro, mulher, 30 anos, branca, do lar, eleitora de Bolsonaro*

Em alguns grupos, a moderação estimulou uma discussão sobre uma possível dicotomia ou contradição entre os investimentos em políticas climáticas e os investimentos em áreas que costumam ser prioritárias para os cidadãos em pesquisas de opinião pública, tais como saúde, educação e segurança pública. A questão posta foi a de saber se todas essas áreas deveriam ter igualdade de recursos financeiros ou se o meio ambiente não deveria ser priorizado. O resultado foi interessante, com muitas pessoas defendendo que todas as áreas devem receber o mesmo tratamento. E, mesmo entre aqueles que defendem que as políticas sociais devem ser a prioridade dos governos, há um reconhecimento crescente de que as mudanças climáticas estão se tornando um tema de maior relevância e que é necessário investir em soluções para enfrentá-las.

“Está se elevando, porque está mostrando diariamente o quanto isso afeta a nossa vida, ontem era 1%, hoje é 10% e amanhã 15%. Se a gente não cuidar vai chegar um ponto insustentável.” – *pessoa periférica, São Paulo, mulher, 40 anos, branca, enfermeira, eleitora de Lula*

“Ninguém tem proposta concreta, ninguém vê isso com os olhos que a gente está vendo aqui, a tendência é isso aí deslanchar e sair do controle como está saindo. Vai chegar uma hora que não vai ter condição de fazer mais nada. O pessoal não viu a importância disso até agora.” – *pessoa periférica, São Paulo, homem, 50 anos, preto, vendedor, eleitor de Simonet Tebet/Lula*

O debate evidencia que os investimentos em políticas de adaptação e mitigação das mudanças climáticas devem ser entendidos não como gastos concorrentes com outras áreas, mas como eixos transversais fundamentais para o desenvolvimento urbano e a promoção da justiça social. Essas políticas, ao serem priorizadas, respondem a uma necessidade urgente de proteger a população vulnerabilizada — especialmente grupos historicamente marginalizados por raça, classe e gênero — que já sofrem desproporcionalmente com os impactos dos eventos climáticos extremos.

“Deveria ser dividido, pois estão relacionados. As pessoas no Sul agora não estão com saúde por causa de doenças como H1N1 e leptospirose, causadas pelas chuvas. Elas perderam a segurança, perderam suas casas, perderam tudo. Então, deveria ser dividido igualmente, porque uma coisa gera outra.” – *jovem, Rio de Janeiro, mulher, 25 anos, branca, trainee de engenharia, eleitora de Lula*

Para muitos, o maior investimento em políticas climáticas reflete não apenas uma demanda da sociedade, mas também um imperativo de enfrentamento das desigualdades estruturais que se agravam diante das mudanças climáticas. A experiência de quem vive em cidades despreparadas deveria tornar-se um ponto de pressão para que governantes adotem uma postura mais ativa no enfrentamento ao problema. Além disso, investimentos nessa área promovem não apenas cidades mais resilientes, mas também geram melhorias em saúde pública, educação e qualidade de vida.

“Se a população tem educação, a população vai tratar melhor o meio-ambiente.” – pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 40 anos, branco, sub-gerente, votou em branco

Em síntese, a análise das percepções evidencia um reconhecimento crescente da centralidade das políticas climáticas dentro do escopo das políticas públicas, embora essa consciência ainda seja marcada por contradições e desafios. A interconexão entre as políticas de mitigação e adaptação climática com temas tais como qualidade de vida, mobilidade urbana, defesa civil e saúde pública aponta para um avanço significativo na compreensão social, porém a prática revela que, no campo político, essas dimensões ainda são apresentadas como se fossem separadas.

Ao mesmo tempo, o reconhecimento de que as políticas climáticas não podem ser dissociadas das políticas sociais sugere uma mudança importante de perspectiva, na qual a crise climática é entendida não apenas como um problema ambiental isolado, mas como um fator determinante para o bem-estar social e a redução de desigualdades de classe, raça e gênero. No entanto, a falta de coerência entre o discurso e a prática governamental, a ausência de coordenação entre setores do governo e entre os diferentes poderes (executivo, legislativo e judiciário), a resistência de setores econômicos e a inércia político-institucional continuam a minar a eficácia do enfrentamento às mudanças climáticas e reforçam o sentimento de paralisia da população.

4.3 Políticas públicas

Esta terceira parte trata das políticas públicas municipais voltadas para a questão climática, com destaque para as discussões nos grupos sobre a insuficiência de ações locais. Para as pessoas entrevistadas, as iniciativas ainda são tímidas e descoordenadas, carecendo de uma visão de longo prazo e de articulação com outros níveis de governo. Todavia, respondentes de alguns grupos reconhecem certos avanços

na gestão climática das suas cidades, sobretudo em iniciativas voltadas à adaptação e mitigação dos impactos das mudanças climáticas, o que indica uma percepção mais plural quando analisam o caso concreto do que aquela apresentada sobre os governos em geral.

Nos grupos paulistas, 12 participantes, ou 21% do total, apresentaram uma visão positiva sobre a prefeitura de suas cidades, sendo 5 jovens de Diadema, 5 pessoas periféricas de Diadema, 1 jovem de Osasco e uma pessoa periférica de Osasco. E, por outro lado, 17 pessoas, ou 30% do total, entendem negativamente suas gestões municipais, sendo 10 jovens de São Paulo, 2 jovens de Diadema, 2 jovens de Osasco e 3 pessoas periféricas de Osasco. Em suma, podemos inferir que a gestão de Diadema tem uma avaliação positiva na área ambiental, enquanto a prefeitura de São Paulo é reprovada pelos eleitores, ficando o governo de Osasco em uma posição intermediária.

“Lá em Diadema, a gente teve a troca dos ônibus e isso já tem muitos anos, agora que a gente está com uma quantidade maior e melhorou. Então, assim, eu acho que é um custo maior para fazer essa transição agora, mas a longo prazo a gente vai ter os benefícios.” - jovem, Diadema, mulher, 26 anos, preta, analista administrativa, eleitora de Luiz Felipe D'Avila/Lula

“[A prefeitura] tá cuidando da canalização aqui no bairro do Rochdale. Mas precisa ter mais verde mesmo, mais parques para gente respirar um ar mais leve, menos poluição pra gente.” - pessoa periférica, Osasco, mulher, 55 anos, branca, corretora, eleitora de Bolsonaro

Nos grupos fluminenses, 10 pessoas ou 17% do total avaliaram positivamente as gestões das cidades em que vivem: 4 jovens do Rio de Janeiro, 2 pessoas periféricas do Rio de Janeiro, 3 jovens de Niterói e 1 pessoa periférica de Niterói. Ao contrário, 24 pessoas reprovaram as administrações municipais de onde moram, distribuídas

em 10 jovens de Duque de Caxias, 9 pessoas periféricas de Duque de Caxias, 1 jovem de Niterói e 4 pessoas periféricas de Niterói. Em resumo, a inferência que os dados passam é que a gestão de Duque de Caxias é amplamente reprovada, enquanto a prefeitura do Rio de Janeiro tem uma avaliação moderadamente positiva e a administração de Niterói ocupa uma posição intermediária na avaliação das políticas públicas climáticas.

Como mencionado na introdução, em janeiro, diversos municípios do estado do Rio de Janeiro foram atingidos por enchentes, com a Baixada Fluminense sendo a região mais afetada. Durante as discussões nos grupos, a forma como as prefeituras responderam a esse evento tornou-se uma questão de debate:

“Em janeiro, houve alagamentos, inclusive afetando o BRT. Vejo muitos bueiros assoreados no meu caminho até o metrô, que ninguém limpa, nem a prefeitura.” – pessoa periférica, Rio de Janeiro, homem, 33 anos, preto, produtor de eventos, eleitor de Bolsonaro

“Não houve programa para as famílias afetadas. O cartão Recomeçar não chegou para todos.” – periférica, Duque de Caxias, homem, 34 anos, branco, técnico de enfermagem, eleitor de Bolsonaro

Além dessa avaliação geral, identificamos que a principal demanda das pessoas entrevistadas é por políticas de educação ambiental e climática, o que já foi analisado no capítulo 3, e pela criação de áreas verdes nos bairros, que possam ser usufruídas pela comunidade. É importante destacar que a substituição de áreas verdes por prédios resulta em uma série de consequências negativas, como a redução da absorção de CO₂, o agravamento das ilhas de calor urbanas e o aumento da poluição e dos eventos de inundação devido à impermeabilização do solo, com ruas e superfícies cobertas por asfalto e cimento. Essa transformação também prejudica a qualidade de vida nas cidades, tornando as áreas urbanas mais suscetíveis aos efeitos adversos das mudanças climáticas.

“Há poucas semanas atrás teve uma exposição na paulista. Era um espaço e no chão fizeram um desenho da cidade de São Paulo com todos os rios que existiam e foram canalizados, que hoje em dia você passa só por cima deles. E eu acho que isso ter sido feito para construir casas e prédios faz com que também a cidade fique menos arborizada.” – pessoa periférica, São Paulo, homem, 27 anos, preto, instrutor de trânsito, eleitor de Soraya Thronicke/Bolsonaro

“Tá piorando mais porque sobre mais prédio e esquenta mais porque não tem área verde.” – pessoa periférica, Osasco, homem, 38 anos, preto, maître, eleitor de Lula

“A especulação imobiliária quando pega territórios verdes para construir empreendimentos, traz uma demanda de pessoas e serviços que são insuficientes, prejudicando os serviços públicos ao redor. Invade a natureza e depois reclamamos do calor e da falta de árvores, porque construímos cinco prédios naquele lugar. Isso parte da prevenção, embora saibamos que nunca será uma política de governo.” – jovem, Rio de Janeiro, homem, 28 anos, preto, assistente social, eleitor de Soraya Thronicke/Lula

“Recentemente, Niterói foi um dos lugares mais quentes do Rio, rivalizando com Bangu. As árvores, em algumas regiões, a prefeitura não poda, eles arrancam. A remoção de árvores para obras tem agravado a situação, deixando muitos locais sem sombra. Na região oceânica, áreas verdes foram substituídas por concreto, com prédios e condomínios invadindo até reservas ambientais. Isso resulta em mais calor e menos espaços naturais para refrescar. Muitos prédios comerciais estão vazios porque o aluguel é alto e insustentável para pequenos negócios. Estamos sentindo o impacto dessa urbanização descontrolada, sem ter onde nos abrigar do calor, exceto em shoppings ou outros locais

com ar-condicionado.” – *peessoa periférica, Niterói, homem, 37 anos, pardo, produtor de eventos, eleitor de Ciro Gomes/Lula*

“Em Caxias, não há programas de arborização, o que é ruim, especialmente por ser uma área industrial. Um corredor de árvores seria muito importante.” – *peessoa periférica, Duque de Caxias, homem, 34 anos, branco, técnico de enfermagem, eleitor de Bolsonaro*

“O calor me incomoda porque sou pobre. Do lado do meu prédio, tinha um terreno vazio que era bem arborizado, e recentemente desmataram para construir prédio. Simplesmente não venta mais em casa. Perdemos boa parte das árvores da região.” – *jovem, Niterói, homem, 24 anos, pardo, cozinheiro, eleitor de Lula*

A prevenção a eventos climáticos extremos também foi amplamente citada, com a situação do Rio Grande do Sul mencionada como um caso emblemático da falta de preparo e da necessidade urgente de políticas preventivas e de investimentos de manutenção das infraestruturas que garantam a defesa civil e que mitiguem os efeitos desses fenômenos.

“Tragédias, como no Sul, acontecem porque medidas preventivas não foram tomadas, acreditando que 'não vai acontecer aqui'. Se não agirmos agora, tragédias ainda maiores podem ocorrer, não só no Brasil, mas no mundo.” – *peessoa periférica, Niterói, homem, 37 anos, pardo, produtor de eventos, eleitor de Ciro Gomes/Lula*

“O governo é muito reativo, sem prevenção. Quando chega a enchente, priorizam isso, quando chega a época de calor, priorizam o calor. Precisa de mais investimentos para prevenção.” – *jovem, Rio de Janeiro, homem, 21 anos, branco, auxiliar administrativo, eleitor de Bolsonaro*

“No Brasil, falando em questão de território, é um bom lugar para se morar, aqui na América do Sul. A gente não tem problemas, por exemplo, com as placas tectônicas. Lá nos Estados Unidos sim. Só que aí a gente vê em questão de governo, como no Rio Grande do Sul. Eles não investiram a verba deles. E aí, aconteceu a “catástrofe climática” que poderia ser prevenida.” – *jovem, Diadema, mulher, 18 anos, branca, monitora de hotel, eleitora de Bolsonaro*

“Nunca é uma prioridade, você vê que agora, o Lula. Eu vi que ele vai antecipar o bolsa família das famílias do Rio Grande do Sul. Então é uma solução, mas nunca é para prevenir.” – *jovem, Diadema, mulher, 21 anos, branca, estudante, eleitora de Lula*

“As mudanças climáticas estão causando desastres como os que vemos no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. Nossa infraestrutura não está preparada para essas mudanças.” – *peessoa periférica, Duque de Caxias, homem, 34 anos, branco, técnico de enfermagem, eleitor de Bolsonaro*

Uma das principais questões críticas no cenário atual é como articular políticas climáticas e ambientais mais efetivas com políticas urbanas que realmente aumentem a qualidade de vida nas cidades. Embora a necessidade de enfrentar as mudanças climáticas seja amplamente reconhecida, muitas vezes as políticas ambientais são implementadas de forma isolada, sem considerar adequadamente suas interações com o desenvolvimento urbano e as necessidades dos principais afetados, de acordo com a diversidade dos territórios urbanos, diferentes e desiguais entre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais resultados deste estudo desenvolvido em parceria inédita entre o Observatório Interdisciplinar das Mudanças Climáticas da UERJ e o Observatório Político e Eleitoral da UFRJ e da UFRRJ apontam para:

Amplo entendimento da origem antropogênica das mudanças climáticas: nos grupos focais, todos os 114 participantes expressaram que acreditam nas mudanças climáticas (100% das pessoas entrevistadas).

Associação das mudanças climáticas aos eventos extremos: 84 pessoas entrevistadas (73,68%) relataram enfrentar enchentes, alagamentos e problemas causados pelas chuvas, tanto em suas residências, quanto no trabalho ou nas ruas, ao passo que 105 (92,10%) mencionaram ondas de calor intenso.

Identificação dos mais pobres como os mais vulneráveis: 88 participantes (77,19%) dos grupos focais concordam que os mais pobres e os residentes de áreas urbanas periféricas são os mais impactados pelos efeitos adversos das mudanças climáticas.

Pessimismo quanto a soluções possíveis: 54 pessoas entrevistadas expressaram a percepção de que os danos causados ao meio ambiente são irreversíveis ou de difícil mitigação, o que representa cerca de 48% dos presentes.

Visão genérica sobre a responsabilidade causal: o que aqui chamamos de “visão genérica” inclui respostas tais como “o ser humano”, “a humanidade”, “as pessoas”, “eu, você, nós” na identificação dos agentes causadores das mudanças climáticas, que somaram 57 menções, representando 50% dos participantes dos grupos focais. Ademais, as respostas também foram vagas quanto a eventos e processos as-

sociados às mudanças climáticas, tais como “desmatamento”, “lixo”, “ganância” ou “dinheiro”, que totalizam 20 menções, representando 17,54% dos participantes.

Foco na ação individual: nos grupos, 88 participantes afirmaram estar dispostos a agir individualmente, ou seja, atitudes como estudar, economizar água, reciclar o lixo, o que representa quase 77,19% dos entrevistados.

Confiança na ciência: Dos 114 entrevistados, 108 disseram confiar na ciência, o que representa aproximadamente 95% do total.

Acesso a informações por meio das redes sociais: Dos 114 entrevistados, 49 disseram se informar pelas redes sociais como Instagram, Twitter, TikTok e Facebook, o que representa aproximadamente 43% do total, sendo, portanto, a fonte de informação mais popular entre os participantes.

Ênfase no papel das políticas de educação como ferramenta de ação no plano local: Um dado interessante que emergiu espontaneamente dos grupos focais foi a relevância das políticas de educação no contexto das mudanças climáticas. Em São Paulo, 20 participantes ressaltaram a importância do aprendizado sobre o tema, representando 36% do total. No Rio de Janeiro, esse número foi ainda maior, com 25 pessoas destacando a questão, o que equivale a 43% dos entrevistados.

Necessidade de superar as contradições entre desenvolvimento econômico e proteção socioambiental: entre as 114 pessoas entrevistadas, 44 delas (38% do total) expressaram que proteger o meio ambiente pode ser conciliado com o crescimento econômico. Elas demonstraram uma visão de que o desenvolvimento econômico não precisa ocorrer em detrimento do meio ambiente, acreditando que práticas sustentáveis podem, de fato, favorecer a economia no longo prazo. Por outro lado, 62%, a maioria portanto, vê incompatibilidade entre

crescimento econômico e proteção ambiental, mostrando o desafio que é o enfrentamento à crise climática na sociedade brasileira.

Insatisfação em relação às ações dos governantes: é sintomático que, em todos os grupos e sem que o roteiro apresentasse perguntas específicas sobre isso, nenhum participante tenha elogiado ações governamentais no campo ambiental e climático; somente 5 participantes (4% do total) mencionaram ações positivas dos governos, em todos os casos relacionando ao governo Lula. Em contraste, 39 participantes (34%) afirmaram que o governo fez algo para piorar as mudanças climáticas.

Superação das contradições entre investimentos climáticos e investimentos sociais: quando perguntadas se todas as áreas sociais (saúde, educação, segurança) deveriam ter igualdade de recursos financeiros ou se o meio ambiente deveria ser priorizado, 32 pessoas defendem que todas as áreas devem receber o mesmo tratamento, o que representa 38% dos participantes dos grupos que tiveram essa pergunta.

Diante dos dados e dessas conclusões, entendemos que há um enorme potencial formativo a ser explorado pela sociedade civil, pelos governos e universidades em favor de uma cidadania ativa e comprometida com o combate às mudanças climáticas. As pessoas entrevistadas reconhecem a existência e a gravidade da crise climática, sendo de central importância que a ampla maioria identifique que quem é mais afetado sejam as pessoas pobres e periféricas. Essa percepção se apresenta consolidada porque as pessoas participantes da pesquisa vivenciam as consequências dos eventos extremos no cotidiano, mas também porque confiam no que a ciência diz sobre a emergência climática, os riscos socioambientais e o impacto da ação humana sobre o sistema climático.

Entretanto, há uma hegemonia que chama muito a atenção do individualismo como padrão de resposta a vários questionamentos:

na crença de que não há mais o que fazer, na disposição de priorizar o “fazer a minha parte” ou ainda na responsabilização genérica do “ser humano” como causador das mudanças climáticas. Romper com esse ciclo de individualismo e de percepção fragmentada do problema exige uma ação organizada e comunitária de educação (formal e não formal) climática.

O interessante é que boa parte das pessoas que participaram dos grupos focais entende que um processo educativo é importante para transformar esse quadro. Jovens e pessoas periféricas apontaram a necessidade e a disposição de se engajar em ações nas escolas sobre crise climática.

Nós da universidade podemos e devemos priorizar essa dinâmica formativa no fazer universitário. Mas isso não será suficiente, é preciso que os governos estruturarem políticas públicas de educação climática nas escolas e nos territórios periféricos. O processo eleitoral que se desenrola no Brasil no mesmo momento em que finalizamos este relatório é uma ótima oportunidade para que eleitores e eleitoras cobrem das candidaturas existentes um real compromisso com essa pauta e exijam propostas concretas em diferentes setores além da educação, tais como mobilidade, infraestrutura, habitação e cultura.

ANEXO: METODOLOGIA E PERFIL DA AMOSTRA

Este relatório é baseado em pesquisa qualitativa de grupos focais, que expôs os participantes – jovens de 18 a 30 anos e pessoas moradoras das periferias de seis cidades, a saber, Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Niterói, São Paulo, Diadema e Osasco – a um roteiro de perguntas previamente definido, a partir de debate rea-

lizado pelas equipes do Observatório Interdisciplinar das Mudanças Climáticas (OIMC) e do Observatório Político e Eleitoral (OPEL), com o objetivo de entender melhor suas percepções, preferências, valores e demandas sobre o tema das mudanças climáticas. O desenho do projeto levou em consideração a experiência OIMC no estudo das mudanças climáticas e a experiência de pesquisas anteriores de grupos focais realizadas pelo OPEL.

Também foram levados em conta microdados da PNAD Contínua, considerando o peso demográfico de cada um dos setores da população brasileira. Ainda que a pesquisa seja baseada em metodologia qualitativa, que não busca uma amostra representativa em termos estatísticos, o desenho dos grupos focais levou em conta a proporcionalidade do universo estudado em termos de gênero, raça, religião e distribuição geográfica.

Integraram os grupos focais mulheres e homens moradores das cidades citadas, todas e todos votantes, reproduzindo a proporcionalidade eleitoral de votos em Lula e Bolsonaro verificada em 2022. Além disso, o recrutamento foi feito entre pessoas com renda familiar de três a dez salários-mínimos, com paridade de raça e gênero.

Antes da ida a campo, as equipes, com formação acadêmica e experiência de pesquisa prévia, se familiarizaram com objetivos gerais da pesquisa, bem como com seu embasamento teórico-metodológico. Durante os grupos focais, os moderadores, quando julgavam necessário, reformularam as questões com base nas respostas e reações dos participantes da pesquisa. O roteiro de pesquisa incluiu os seguintes tópicos:

- **Cotidiano das pessoas na cidade**
- **Percepção sobre as mudanças climáticas**
- **Percepção sobre política e economia**

Com o consentimento dos participantes, as imagens e áudios dos grupos focais foram captadas e devidamente arquivadas para análise posterior. O OIMC e o OPEL se comprometeram

a garantir o anonimato dos participantes, sendo permitida apenas a divulgação das características que fazem o perfil de cada pessoa (gênero, idade, cidade, qual igreja, raça, profissão e voto na última eleição).

Método: Qualitativo via Grupos Focais (GF)

- **Perfil da amostra**
- **Mulheres e homens**
- **Faixa etária de 18 a 60 anos**
- **Branços, pretos e pardos**
- **De 3 a 10 salários-mínimos de renda familiar**
- **oradores de várias regiões do município e das periferias urbanas**
- **População votante dos municípios Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Niterói, São Paulo, Diadema, Osasco**
- **Mix de posicionamentos políticos.**

Período de realização dos grupos focais: entre 01 a 30 de maio de 2024.



EMERGÊNCIA CLIMÁTICA E POLÍTICAS PÚBLICAS: Mapeando a Percepção da Cidadania no Plano Local

Este relatório apresenta os resultados de uma pesquisa realizada pelo Observatório Interdisciplinar das Mudanças Climáticas (OIMC/UERJ) e pelo Observatório Político e Eleitoral (OPEL/UFRJ-UFRRJ), com apoio do Instituto Clima e Sociedade (ICS), sobre as percepções das mudanças climáticas entre brasileiros e brasileiras. Foram realizados 12 grupos focais em seis cidades dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, com foco em juventude e periferias urbanas. A pesquisa revela um reconhecimento generalizado das mudanças climáticas, mas destaca sentimentos contraditórios que exigem uma atuação mais intensa de governos e sociedade civil para fomentar ações coletivas e cidadãs.



Observatório
Interdisciplinar
das Mudanças
Climáticas



iCS
Instituto
CLIMA e SOCIEDADE

opel

Observatório
Político e Eleitoral